

A CULTURA TEM AUTOR

"descentralização"



CONCELHO DE ÉVORA
FOMOS ÀS FREGUESIAS
OUVIR QUEM LUTA PELA CULTURA
DAS POPULAÇÕES

“A Cultura tem Autor – Descentralização”

As freguesias de Évora pelos “olhos” da cultura

Doze freguesias, doze entidades, doze meses. Este poderia ser um resumo do projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Foi a 31 de janeiro de 2024 que foi publicada no jornal DS a primeira reportagem que deu início a este trabalho. O objetivo foi dar a conhecer diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora. Para isso, apresentámos, em cada uma das freguesias deste território, uma entidade que dinamizasse iniciativas de âmbito cultural e recreativo.

Esta foi uma “viagem” pelos bastidores da cultura, mas também de outras áreas, como a desportiva ou a social. Mas foi mais do que isso. Foi um “olhar” perante o mundo real das pessoas que vivem e lutam

pela parte mais lúdica das suas terras. Muitas vezes, com poucos recursos e escassos apoios, mas mesmo assim tentando criar oportunidades nesses territórios, uns mais distantes do que outros.

Numa época em que a era digital assume um lugar de destaque, as relações presenciais passam, por vezes, para segundo plano, assumindo-se que os ecrãs podem substituir esse contacto.

No entanto, ao longo deste projeto, ouvimos a voz de quem continua a batalhar por manter viva essa interação social, dinamizando eventos que possam cativar diferentes públicos, nomeadamente os mais novos, já habituados a outras propostas.

Com a “A Cultura tem Autor – Descentralização” houve também a preocupação de abordar questões relacionadas com os direitos de autor. Apesar de nem todas as entidades lidarem frequentemente com este assunto, todas salientaram a importância que esta matéria assume e que, sempre que tal se aplica, têm



9



11



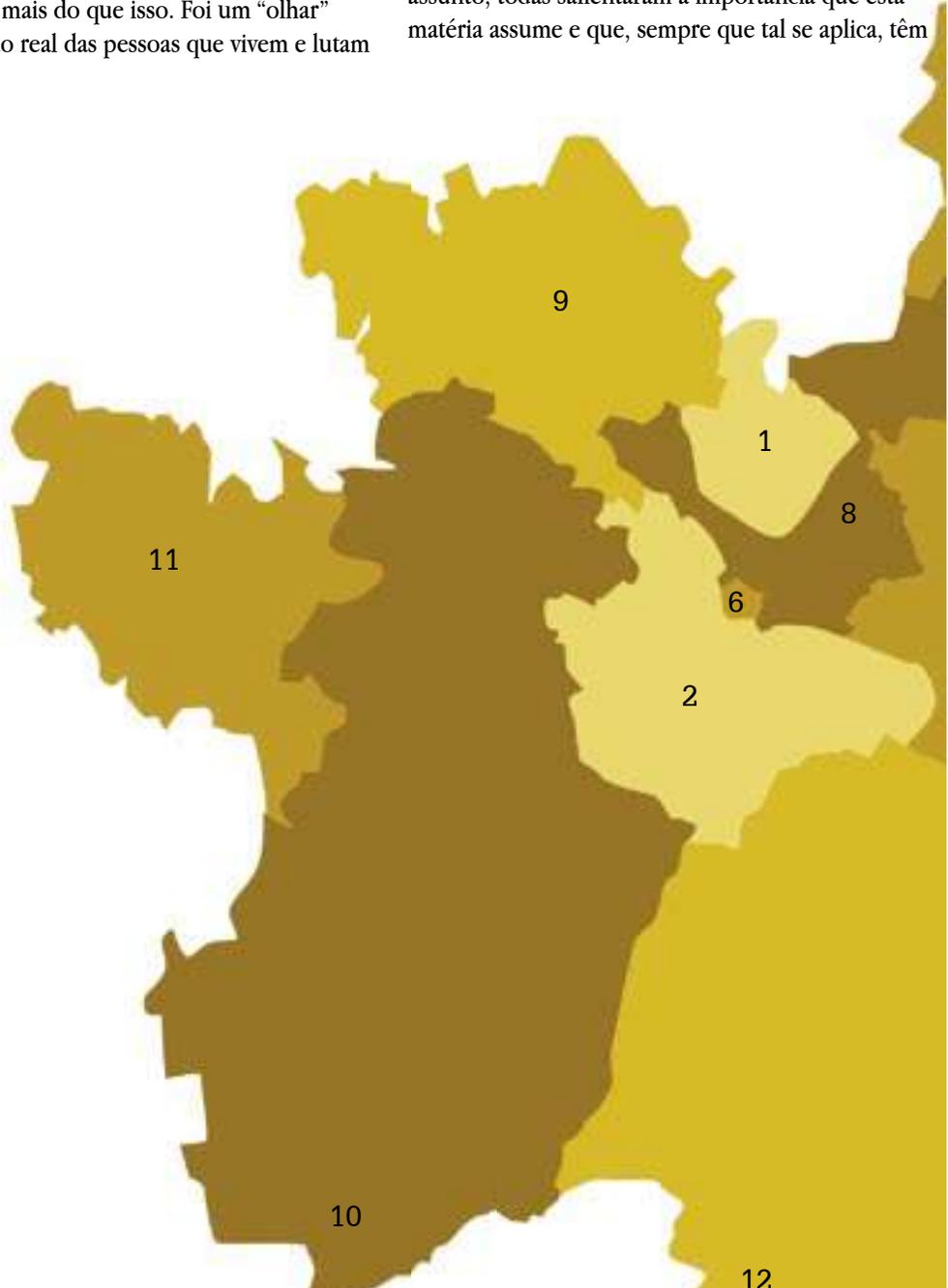
1



2



12



o cuidado de cumprir com o que seja necessário.

Mas quisemos ir mais longe com este projeto, pondo “em cima da mesa” o tema da Inteligência Artificial (IA) e questionando as implicações que pode ter na área da cultura.

Nessas entrevistas, foram relatados os receios, mas também as potencialidades que essa ferramenta pode representar, sendo ressaltado que tudo depende da utilização que seja feita. Ficou também a percepção de que, para muitas dessas coletividades, a temática da IA ainda não representa uma preocupação no dia-a-dia.

Quase um ano depois, mais precisamente no dia 23 de janeiro de 2025, foi publicado no DS o último trabalho feito no âmbito da “Cultura tem Autor – Descentralização”. Fechámos assim um ciclo que nos permitiu ir a cada uma das freguesias do concelho de Évora.

Tirámos centenas de fotografias, filmámos muitos “planos” e entrevistámos mais de uma dezena de pessoas. Vivenciámos um pouco da realidade de cada um desses territórios, aqui tão perto de cada um de nós, mas que nem sempre acompanhamos.

Esse é também o desafio que queremos deixar. Vá

conhecer o trabalho que estas e outras organizações fazem em cada um destes locais.

Aproveite as festas de verão para um “pezinho” de dança, vá assistir a um espetáculo ou concerto, visite uma exposição, participe numa conferência do seu interesse ou vá desfrutar do património natural e edificado que se “esconde” em cada esquina. Acreditamos que esse pode ser um contributo para assegurar a continuidade destas entidades, mas também para dar “vida” aos territórios que tornam única a nossa região.

organização:



apoio:



produção:

textos: Marina Pardal

fotos: *diário do SUL* / Associações / Luís Marino / Carolina Lecoq

video: Vítor Godinho



6

4

3

7

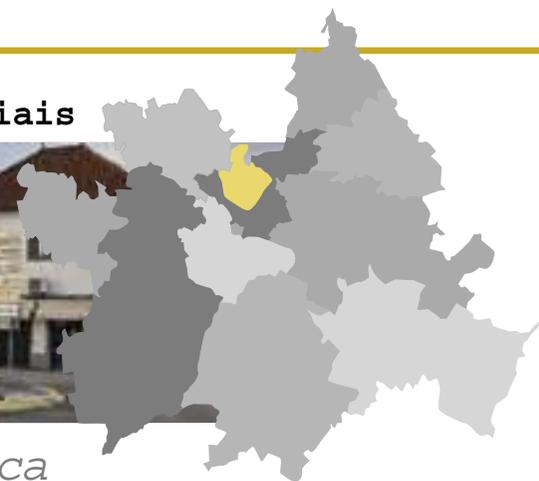
5

4

3

8

1. Freguesia de Canaviais



MALVADA Associação Artística

"A Malvada aposta num território periférico como centro de criação e reflexão artística contemporânea"

“ A Malvada aposta num território periférico como centro de criação e reflexão artística contemporânea”. É desta forma que é apresentada a associação artística fundada em 2018 por Ana Luena e José Miguel Soares.

Está situada em Évora, mais concretamente nos Canaviais, na sala da cantina da Antiga Escola Primária, num espaço cedido pela junta de freguesia.

É com a Malvada Associação Artística que damos início ao projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

O objetivo é dar a conhecer diferentes atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, apresentando uma entidade em cada uma das freguesias deste território. Neste trabalho pretende-se ainda abordar temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), relacionando estes tópicos com a área da cultura.

De acordo com os fundadores, “a Malvada tem como fim a realização de projetos de criação e envolve diferentes áreas artísticas e do conhecimento”, sendo ainda frequente “o cruzamento de disciplinas, como a fotografia, o vídeo, a literatura, o teatro ou a performance”.

É também salientado que “promove atividades de criação e fruição artísticas com a comunidade, através da sua participação ativa em ações de mediação, serviço educativo, acessibilidade e inclusão social, estabelecendo uma relação de proximidade entre públicos diversificados e a obra artística”.

Ao longo da conversa com o DS, Ana Luena e José Miguel Soares foram partilhando um



Ana Luena e José Miguel Soares, os fundadores da Malvada Associação Artística

“Temos os pés em Évora e a cabeça no mundo, trazemos artistas e profissionais da cultura de outros locais para trabalharem connosco aqui e esses projetos apresentamos onde quer que seja”. - José Miguel Soares

pouco da história que dá vida a esta associação, bem como alguns projetos que têm sido desenvolvidos.

“A Malvada foi fundada a 8 de março de 2018 como associação e pretende ser uma estrutura de produção e criação artística, trabalhando em cruzamento disciplinar, principalmente, e dadas as nossas origens, na fotografia e no teatro, mas no cruzamento com todas as outras disciplinas artísticas e outras áreas do conhecimento”, contou José Miguel Soares.

“Temos os pés em Évora e a cabeça no mundo”, disse em jeito de “clichê”, sublinhando que “trazemos artistas e profissionais da cultura de outros locais para trabalharem connosco aqui em Évora”.

Acrescentou que “esses projetos apresentamos onde quer que seja, por enquanto Portugal, uma pequena incursão por Espanha e muita vontade de continuar a expandir os nossos trabalhos”, reiterando que “atualmente trabalhamos também muito no Alentejo

Central, pois temos projetos em parceria com vários municípios, com uma dinâmica muito interessante”.

Quando se pergunta a José Miguel Soares o que distingue a Malvada, um aspeto que destaca é precisamente “esta capacidade de trabalharmos com várias disciplinas e de nos relacionarmos com outros artistas e profissionais da cultura de outros locais, mas também aqui do Alentejo”.

A par disso, realçou “uma forte ligação em vários projetos à comunidade”, referindo-se “às pessoas que fruem dos nossos projetos, mas também às muitas vezes em que participam na criação”.

O fundador da Malvada reforçou ainda que “aquilo de que nós não abdicamos é a criação artística, depois fazemos o ‘casamento’ entre a criação artística e muitas outras áreas, nomeadamente a área social”.

Recordou que “no início da Malvada começámos logo a trabalhar com mulheres vítimas de violência doméstica, com raparigas num centro de acolhimento temporário e já fizemos vários trabalhos com idosos ou pessoas com deficiência mental”, sublinhando que “temos cuidado com a acessibilidade e em trazer intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, quando se aplica, para a comunidade surda”.

Quanto à localização da associação, José Miguel Soares evidenciou que, “por estarmos

numa periferia, trabalhamos muitas vezes em sítios que não têm tanto acesso à cultura e que nós temos muito prazer em levá-la”.

Afirmou que “estar nesta freguesia tem sido muito estimulante e já fizemos vários trabalhos com a comunidade local, mas também traz algumas dificuldades, pois a dinâmica da cidade de Évora é muito centrada no centro histórico”.

O mesmo responsável frisou que “todos os outros bairros estão mais ou menos à volta desse centro histórico e os Canaviais são uma área mais afastada, mas temos tido muito boas experiências nas atividades que fazemos aqui, muitas vezes, também à custa desta capacidade de articularmos com os públicos e com os parceiros, pois é habitual trabalharmos em rede”.

Quanto aos projetos em que têm trabalhado, Ana Luena lembrou que, “apesar de sermos recentes, temos tido muita produção, sobretudo nestes últimos tempos”.

Especificou que “trabalhávamos com financiamento aos projetos, mas a partir de 2023 passámos a ter um financiamento sustentado da Direção-Geral das Artes (DGArtes), ao qual submetemos uma candidatura e ganhámos, mas entretanto já tínhamos outros projetos de outros programas, nomeadamente alguns também da DGArtes, e o ano passado foi assim bastante ativo”.

Adiantou que, “neste momento, estamos a trabalhar num projeto para dois anos (2023 e 2024) que tem o nome de ‘Desejo’”, explicando que “tem a ver com um olhar sobre o futuro e sobre as questões da utopia e das micro utopias, muito sobre as questões que nós vivemos no presente e que achamos que podem ter





desenvolvimentos muito acelerados no futuro”.

Nesse âmbito, Ana Luena focou que “desenvolvemos uma série de criações artísticas o ano passado, nomeadamente o Errante, um espetáculo que estreou em Évora e em Montemor-o-Novo e que está a circular em 2024”, apontando que “um dos temas fortes tem a ver com a questão da migração e dos estrangeiros”.

Revelou que “temos também uma nova criação que vai culminar numa exposição fotográfica/instalação no final do ano, que tem todo um processo participativo, com várias comunidades de Évora e também dos locais onde pretendemos apresentar a exposição”, frisando que “não será a mesma porque vai partir desses materiais resultantes dos laboratórios deste projeto ‘Loop’, que tem a ver com a repetição como processo e como forma de encontrar uma diferença através da repetição”.

A esse respeito, a mesma responsável referiu que “vamos ter dois arquitetos a trabalhar connosco em residência para criar uns módulos cénicos para estes laboratórios e depois para a exposição que é da autoria do José Miguel Soares, mas que tem esta componente participativa, contando com alunos de diferentes idades, pessoas com deficiência, idosos”.

Além disso, anunciou que “iniciámos em janeiro o próximo projeto cénico que tem uma componente que mistura questões meta teatrais, sobre o próprio processo da criação teatral ou questões biográficas”, contando que “temos a trabalhar connosco o ator João Lagarto, que iniciou a sua carreira aqui no atual Cendrev há quase 50 anos”.

Segundo Ana Luena, “o projeto chama-se ‘Monstro’ e há aqui uma ideia de ciclo que nos interessa, nomeadamente os 50 anos do 25 de Abril, a questão biográfica deste ator que tem mantido relação com a cidade de Évora e vamos pegar na ideia de fragmentação a partir da utilização



José Miguel Soares e Ana Luena, durante a entrevista ao diário do SUL

“Todos os trabalhos que fazemos de criação artística, mesmo que não sejam com a participação da comunidade, temos sempre a preocupação de envolvê-la”.

- Ana Luena

de textos de Fernando Pessoa”, comentando que “o espetáculo tem ante-estreia em abril, estreia em novembro e depois também circula”.

Para este ano, está ainda programado “fazer uma segunda

experiência de um projeto que já fizemos com a APPACDM de Évora, em que um grupo de pessoas com deficiência mental desta instituição, em conjunto com artistas profissionais, vão fazer uma co-criação”, afirmou.

Concluiu também que “todos os trabalhos que fazemos de criação artística, mesmo que não sejam com a participação da comunidade, temos sempre esta preocupação de envolvê-la através da mediação, do contacto entre as comunidades e os artistas, no sentido da democratização da arte e da criação artística”.

Direitos de autor – como proteger?

Centrando a conversa na questão dos direitos de autor, Ana Luena falou um pouco sobre como têm atuado neste âmbito.

“Nós temos a preocupação de pedir os direitos e se for esse o caso, de os pagar, mas não quer dizer que todos tenham”, alertou, sustentando que “com a questão da internet, por exemplo, é difícil de controlar, apesar de haver várias ferramentas”.

Assumiu que “como também somos artistas e como também temos o nosso trabalho, também gostamos de ver os

nossos direitos assegurados”.

Exemplificou que “já nos aconteceu terem utilizado imagens ou até comunicação sobre um projeto que é da nossa autoria, em que o título do projeto fomos nós que o criámos e de repente a Malvada ‘desaparece’ e os nossos créditos também desaparecem”.

Reforçou que “temos o cuidado em creditar todos os criadores e ter tudo resolvido a nível dos direitos, mas por vezes percebemos que não acontece isso com o nosso trabalho”.

ficha técnica:



Produção e criação artística nas áreas de fotografia vídeo, literatura, teatro, performance

Ano de Fundação – 2018

Morada – Rua das 5 Cepas,

Antiga Escola Primária – Canaviais (Évora)

Contactos:

965601966 / malvada.info@gmail.com

Site – <http://MALVADA.ART/>

Inteligência artificial – oportunidade ou ameaça?

Numa época em que a IA vai ocupando cada vez mais espaço no nosso dia-a-dia, quisemos também saber se existem preocupações a este nível na área da cultura,

Para José Miguel Soares, “as preocupações ainda são poucas, já que é uma coisa que está muito nos primórdios, mas ela afeta-nos quer do ponto de vista da criação artística, mas também da produção”.

Mencionou que “já tentámos utilizar a IA dum ponto de vista mais simples, em que estamos a fazer um trabalho e vamos perguntar ao ChatGPT o que nos diz acerca daquilo, mas também tentámos num projeto de fotografia participativo, em que tínhamos uma fotografia falada e a partir das transcrições produzimos um resultado visual, mas não ficámos ainda muito contentes, pois queremos que tenha algum nível de qualidade”.

Perante este cenário, José Miguel Soares confessou que “vemos a IA mais como uma oportunidade do que como uma ameaça, podendo ser um

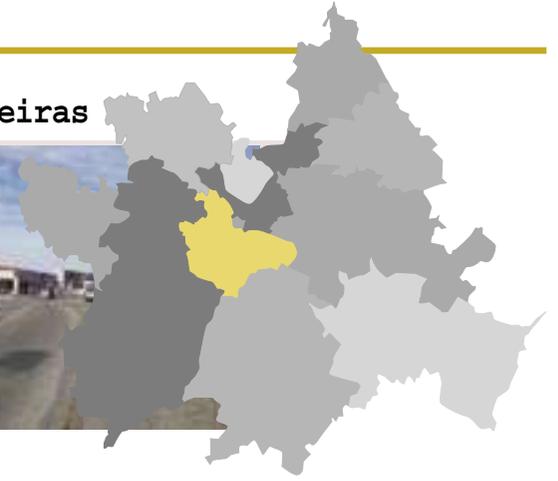
complemento à criação artística”.

Relembrou que “desde a Pré-História que temos ferramentas para substituir o nosso trabalho, desde lascarmos uma pedra em vez de usarmos os nossos dentes ou unhas”.

Fazendo comparação com algo que usamos todos os dias, o fundador da Malvada reiterou que “a faca que pode cortar o pão também pode matar uma pessoa e a IA também vai ter seguramente essas duas possibilidades”.

Relativamente a como se poderão assegurar os direitos de autor neste campo da IA, espera que “haja uma dimensão que seja equiparada ao ser humano, ou seja, se eu plagiar um trabalho de outro ser humano existem consequências legais em relação a isso, com a IA terá de acontecer qualquer coisa de semelhante”.

A este respeito, Ana Luena realçou que “ao pedir ao ChatGPT para aceder a determinado documento já me aconteceu ele dizer que não porque tem direitos e convém ter a certeza de que esses direitos estão assegurados, por isso espero que a IA esteja a fazer esse ‘caminho’”.



ARMAZÉM 8 (Associ'Arte)

Uma sala de espetáculos diferente que vai ao encontro de todas as artes

Música, teatro, artes plásticas, dança ou stand-up. Todas estas artes têm lugar dentro do Armazém 8, a sala de espetáculos da Associ'Arte.

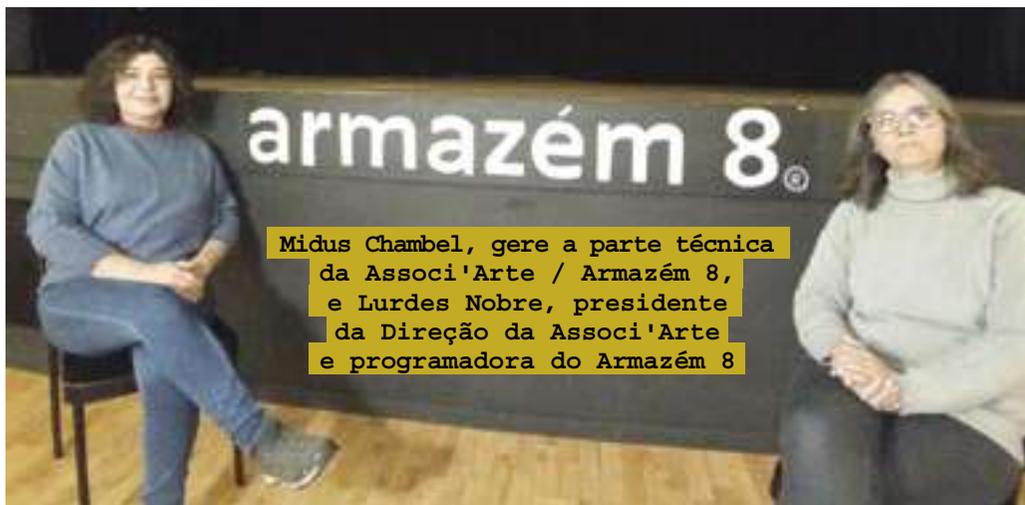
É na União das Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras, mais precisamente no Parque Industrial e Tecnológico de Évora (PITE), que se encontra este espaço, inaugurado a 30 de novembro de 2013.

Esta é mais uma reportagem no âmbito do projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização", promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Com este trabalho pretende-se dar a conhecer diferentes atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, apresentando uma entidade em cada uma das freguesias deste território. Há ainda o objetivo de abordar temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), relacionando estas questões com a área da cultura.

"A Associ'Arte tem oficialmente 25 anos, mas já há três décadas que foi criado este grupo com pessoas que gostavam de fazer algo na área das artes, sobretudo na altura para mostrar ao resto do país o que se fazia no Alentejo". Foi assim que começámos a nossa conversa com Lurdes Nobre, presidente da Direção da Associ'Arte e programadora do Armazém 8, que nos recebeu com Midus Chambel, que gere a parte técnica da Associ'Arte e do Armazém 8.

De acordo com Lurdes Nobre, "a nossa associação conta atualmente com 600 associados de norte a sul do país e durante



Midus Chambel, gere a parte técnica da Associ'Arte / Armazém 8, e Lurdes Nobre, presidente da Direção da Associ'Arte e programadora do Armazém 8

"queríamos uma sala de espetáculos diferente, que fosse multiusos e que desse para vários formatos... à sexta-feira ou ao sábado fazemos eventos, mas durante a semana temos atividades nas áreas das artes plásticas, teatro, dança, entre outras".

- Lurdes Nobre

muitos anos o nosso propósito foi mostrar projetos do Alentejo no país e no estrangeiro", acrescentando que, "ao longo dos anos, fomos falando de Évora só ter uma sala de espetáculos, o Teatro Garcia de Resende".

Recordou que "foi numa reunião que alguém disse 'ninguém faz, mas a gente também não faz' e esse foi o pontapé de saída para que um dos nossos associados, o Zé Melo, se inscrevesse nos terrenos que a Câmara de Évora ia vender no PITE e propusesse a concretiza-

ção desta sala".

A mesma responsável focou que "aguardámos por esse terreno vários anos e quando chegou a nossa vez decidimos avançar, apesar do Zé já cá não estar", reiterando que "tal aconteceu quando a Troika entrou em Portugal e os juros estavam altíssimos, o que dificultou todo o processo, mas tivemos associados que foram nossos fiadores".

Destacou ainda que "queríamos uma sala de espetáculos diferente, que fosse multiusos e



que desse para vários formatos", realçando que "à sexta-feira ou ao sábado fazemos eventos, mas durante a semana temos atividades nas áreas das artes plásticas, teatro, dança, entre outras".

Na sua opinião, "estas iniciativas vão servindo para a criação de público, mas também para fazer com que as pessoas percebam um pouco melhor o que é isto das artes".

Assumindo que "tem sido um percurso difícil, pois além da Troika, tivemos a pandemia", garantiu também que "o projeto tem corrido bem e tem sido uma tarefa muito acarinhada, não só pelos artistas, como pelo público".

Em relação à localização do Armazém 8 nesta freguesia, mais concretamente no parque industrial, a programadora apançou que "viemos para aqui propositalmente", adiantando que "decidimos que queríamos estar no PITE por três motivos".

Constatou que "vivemos nos bairros à volta da cidade e portanto saímos de carro, pelo que era preciso um espaço com muito estacionamento".

A par disso, Lurdes Nobre referiu que "por mais insonorizada que seja uma sala de espetáculos, e esta é, a reali-

dade é que às saídas e às entradas se faz barulho, por isso, os poucos que vivem no centro histórico seriam incomodados".

Comentou ainda que "no centro histórico teríamos de nos limitar a um horário porque as pessoas precisam de dormir e achámos que estar também a limitar a nossa atividade em termos de tempo ia 'fechar-nos' um pouco em coisas muito específicas".

Não obstante, a mesma responsável confessou que "viemos conscientes de que o público podia não aderir porque as pessoas de Évora estão muito centradas no centro histórico".

A esse respeito, evidenciou que, "ao longo dos anos, verificámos outra questão, que talvez até seja a mais importante, aqui só vem quem vem ver os espetáculos, aquele tipo de público que pode criar desacatos ou já vir fora do seu normal não vem aqui, o que nos dá uma segurança imensa de que o espetáculo vai correr bem e faz com que seja um espaço com público que vem para estar atento".

Segundo a presidente da Direção da Associ'Arte, "o que nos distingue enquanto sala é uma coisa que tínhamos muito medo de não conseguir", lembrando que, "como sabemos, Évora é uma cidade de 'guetos', vamos a um sítio e sabemos sempre quem é que lá vai e nós não queríamos transformar o Armazém 8 na sala de um grupo de pessoas".

Na sua perspetiva, "é uma aposta difícil, pois queríamos uma sala onde todos se pudessem encontrar, beber uma bebida e sentir-se em casa, independentemente dos seus grupos", considerando que "conseguimo-lo pela programação, que é muito



diversificada, desde o jazz à comédia, o que faz com que haja uma diferenciação de público de espetáculo para espetáculo”.

Reforçou ainda que “isso tem feito a diferença no Armazém 8 e também o facto de ser uma sala pequena e de ter esta disposição de mesas com cadeiras, fazendo com que as pessoas se sintam como se estivessem na sua sala”.

Para Lurdes Nobre, “outra mais-valia que temos verificado é que é muito agradável para quem está a ver um espetáculo que depois o artista saia do palco e ele o encontre na sala”, assinalando que “a proximidade que criámos entre os projetos artísticos e o público também tem trazido cada vez mais gente ao espaço”.

Em relação aos projetos em destaque, afirmou que, “normalmente, fazemos a nossa programação por ciclos”, dando conta de que “este mês temos o ciclo ‘A Voz dos Outros’, que traz projetos artísticos nacionais que fazem releituras de grandes projetos internacionais”.

Segundo a programadora, “temos vários festivais incluídos na programação, como o “É por Elas”, em março, que traz a Évora várias áreas artísticas (teatro, dança, poesia, música, artes plásticas) sempre no feminino”, sustentando que “podem vir também acompanhadas por homens, mas o projeto é sempre liderado por uma mulher”.

Outro festival que enumerou foi o “Quintas no Jardim”, em julho. “No jardim do Armazém 8 recebemos artistas de redes lusófonas e da América Latina com quem temos parceria”, acrescentou, apontando que “são artistas que vêm à Europa apresentar os seus projetos e que em Portugal passam só por Lisboa e Évora”.

Além disso, mencionou a existência “de outras parcerias em áreas muito específicas para os espetáculos que promovemos, nomeadamente nas áreas da comédia, do fado e do jazz”, lembrando ainda que “pertencemos à Rede de Teatros e Cine-teatros Portugueses”.



Lurdes Nobre,
presidente
da Direção
da Associ'Arte
e programadora
do Armazém 8

Direitos de autor - como proteger?

Direcionando a conversa na temática dos direitos de autor, Lurdes Nobre relatou como têm atuado neste domínio. Na sua opinião, “os direitos de autor são uma coisa difícil”, admitindo que “na génese a ideia é excelente e nós precisamos todos de ser protegidos”.

Especificou que “quando fazemos uma criação, registamo-la”, alertando que “o registo de uma obra literária e artística é feito no IGAC, só assim é que está protegida, podendo também estar ou não registada na Sociedade Portuguesa de Autores”.

A mesma responsável garantiu que “nós pagamos os direitos de autores de todas as obras que estão licenciadas e quando vamos com criações nossas a outras salas acontece o mesmo”.

Relativamente à apropriação de ideias, lamentou que “isso tem-nos acontecido ao longo dos anos, quer com artistas ou mesmo com municípios”.

Lurdes Nobre explicou que “é comum a Associ'Arte fazer uma proposta a um município com uma ideia, ele diz-nos que não está interessado e depois esse município aplica a ideia”.

Porém, disse que “o tempo tem-nos provado que a apropriação da ideia não se concretiza exatamente como nós tínhamos pensado porque nós não ‘damos’ a ideia toda, o que nos chateia porque uma boa ideia é depois transformada numa coisa que não é boa”, confidenciando que “isso irrita, mas nós também temos mais 20 mil ideias”.

Sublinhou ainda que “nós não temos como registar todas as ideias, nem temos como levar a tribunal a apropriação de uma ideia, pois há sempre uma nuance qualquer”, considerando que “fica na consciência da pessoa a apropriação dessa ideia”.

ficha técnica:



**Sala
de espetáculos
com iniciativas
ligadas à
música, teatro,
artes plásticas,
dança, stand-up**

Ano de Fundação - 2013

Morada - Rua do Eletricista n.º 8
- PITE (Évora)

Contactos:

266 043 090 / geral@armazem-8.com

Site - <https://armazem-8.com>

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

Nunca se falou tanto de IA como nos dias que correm. Por isso, este tema também esteve “em cima da mesa” e quisemos perceber se existem preocupações a este nível na área da cultura.

“A IA é uma coisa que me tem preocupado e na qual tenho pensado”, frisou a presidente da Direção da Associ'Arte, fazendo uma comparação entre “a IA e o computador, que foi uma excelente ideia, mas que acabou por criar um problema à humanidade, que é o desemprego”.

Na sua perspetiva, “a criação da IA também tinha um excelente propósito, mas até quem está a trabalhar nesta área já tem receio, já pediram para parar as investigações para se perceber até onde é que aquilo nos vai levar”.

Salientou também que, “neste momento, a IA não é mais do que uma máquina que um humano programa, mas que se está a verificar que pode ultrapassar essa informação e criar-se a ele próprio”.

Para Lurdes Nobre, “se isso acontecer é um problema porque nós, humanos, não somos muito inteligentes, vamos atrás de qualquer ‘conversa bonita’ e se a IA se transformar numa ferramenta dos homens ‘maus’ nós estamos com um problema grave na humanidade e temos aqui uma espécie de ficção científica”.

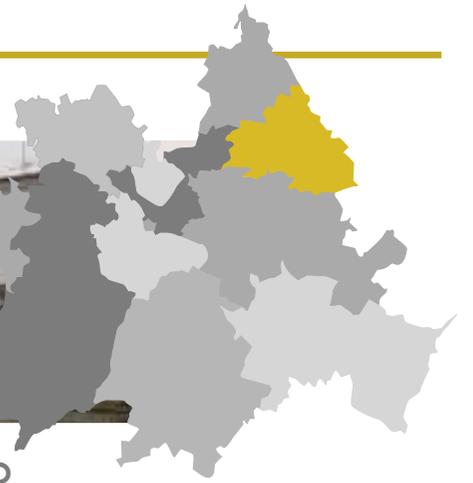
No entanto, “também pode ser uma ferramenta que nos pode ajudar”, referiu, assegurando que “já fizemos aqui algumas experiências internas para ver como é que a IA se estava a comportar e a realidade é que sem nós lhe darmos todas as informações ela não faz nada”.

De acordo com a mesma responsável, “em termos artísticos, quando lhe damos todas as ferramentas, ela cria algo que o humano também criaria, só que mais rápido, ou seja, acelera o processo de criação, mas acho que, para já, não é isso que os públicos querem, eles querem a humanização e nesta sala temos visto isso”.

Reforçou que “o nosso público quer a humanização do artista, quer falar com ele, abraçá-lo e felicitá-lo”, reiterando que “estou a falar desta geração, a geração seguinte já não sei”.

A esse respeito, realçou que “estamos com um problema grave a nível nacional, pois não estamos a criar novos públicos”.

Mostrou-se preocupada “com a não criação de novos públicos e com os deixarmos muito ligados só ao computador ou à internet”, comentando que “não sei o que é que isso fará para os próximos artistas e para as próximas criações artísticas, pelo que temos alguns projetos em contraciclo para tentar atenuar este problema”.



SUÃO - Associação de Desenvolvimento Comunitário

"A proximidade e a matriz intergeracional definem a nossa identidade"

“O que nos distingue é a proximidade que temos com as pessoas, mas também esta matriz intergeracional”, salientou Lurdes Pratas Nico, presidente da Direção da Suão, explicando que “trabalhamos para toda a comunidade e com pessoas de todas as idades com diferentes saberes, já que o saber não ocupa lugar, deve ser valorizado e dado a conhecer”.

É destacando estas duas características, que definem a identidade da Suão, que começamos a terceira edição do projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Pretendemos dar a conhecer diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, apresentando uma entidade em cada uma das freguesias deste território. Há também o objetivo de abordar temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), relacionando estes tópicos com a área da cultura.

A Suão – Associação de Desenvolvimento Comunitário está situada na Freguesia de São Miguel de Machede e já conta com mais de 25 anos.

É de realçar que desde o início que é promotora da Escola Comunitária de São Miguel de Machede, que é hoje um dos polos da Universidade Popular Túlio Espanca.

Durante a visita às instalações da associação fomos recebidos por Lurdes Pratas Nico, mas também por José Bravo Nico, diretor executivo da Suão. Foi com ele que ficámos a conhecer os primeiros passos para a criação desta entidade.

“Nascemos em 1998 e resultou de uma preocupação que era transversal a um conjunto de pessoas, que na altura eram jovens, relativamente ao futuro da nossa comunidade e ao de cada uma dessas pessoas nesta comunidade”, adiantou.

Acrescentou também que “já perdíamos muita população, tínhamos grandes dificuldades



Lurdes Pratas Nico, presidente da Direção da Suão, e José Bravo Nico, diretor executivo da Suão.

económicas e em particular de acesso a serviços essenciais como educação, saúde, apoio social, cultura ou informação”.

De acordo com Bravo Nico, “nesse contexto, pensámos em construir uma resposta local e comunitária que valorizasse os nossos recursos e pudesse responder às nossas necessidades e anseios”, recordando que “foi assim que nasceu a Suão”.

Explicou que “toda a nossa atividade baseia-se em educação, em construirmos contextos de aprendizagem nos quais possamos

aprender e construir conhecimentos e competências que nos permitam resolver os problemas com que somos confrontados”.

O diretor executivo sustentou que “é uma lógica de contarmos conosco e de conjugarmos os verbos da nossa vida na primeira pessoa do plural, ou seja, os nossos problemas, as nossas soluções, com os nossos recursos, com as nossas pessoas”.

Para o mesmo responsável, “o facto da Suão estar situada numa freguesia como São Miguel de

Machede faz muita diferença”, constatando que “temos um modelo de educação comunitária baseado na construção de acessos entre as pessoas e os seus direitos de cidadania”.

Na sua opinião, “numa freguesia como a nossa, pequena, de cariz rural e envelhecida, faz toda a diferença na qualidade de vida das pessoas haver uma instituição que consegue mediar o acesso entre as pessoas que têm necessidades muito evidentes e esses direitos que estão disponíveis na lei e que são prestados pelos serviços públicos, aos quais as pessoas, por vezes, têm dificuldade em aceder, não só do ponto de vista físico, como digital”.

A parte cultural também acaba por estar presente em muitas atividades que a Suão vai

instrumento para transformarmos a realidade e essa atividade humana de transformar a realidade é uma atividade profundamente cultural”

O mesmo responsável disse ainda que “temos atividades mais relacionadas com a parte social, de apoio às famílias e aos jovens, e temos atividades mais marcadamente culturais, como é o caso do teatro, palestras, música ou o jornal comunitário ‘Menino da Bica’”.

Evidenciou que “há 26 anos que temos esse jornal regularmente, no qual divulgamos as notícias da nossa terra”, constatando que “toda essa construção e divulgação do conhecimento é uma atividade cultural”.

Segundo Bravo Nico, “apesar de ter uma regularidade anual, houve alturas em que saiu semanalmente, como aconteceu durante a pandemia, como forma de transmitir o que se estava a passar e os cuidados a ter”, apontando que “é mais um jornal para a população participar na sua construção do que só para ler”.

Na conversa com Lurdes Pratas Nico ficámos a conhecer alguns dos projetos que são desenvolvidos pela Suão, em particular um que “reúne diferentes dimensões, desde a educativa à social, passando pela cultural”. Falamos do “Circuito da Aldeia”.

“É um projeto de turismo pedagógico em contexto rural em que são organizadas estações de aprendizagem”, especificou a presidente da Direção, comentando que “também está relacionada com a sustentabilidade financeira da instituição”.

“Nós temos vários projetos ao nível educativo, social e cultural. O Circuito da Aldeia reúne todas essas dimensões”.

- Lurdes Pratas Nico





Reforçou que “é uma oportunidade de conhecer a nossa comunidade e como é que se vive em contexto rural”, adiantando que “recebemos aqui alunos jovens e outros menos jovens, quer de escolas, quer de instituições sociais”.

Segundo Lurdes Pratas Nico, “damos a conhecer a nossa identidade, as pessoas que cá vivem, como é que passam os seus dias, as atividades aqui desenvolvidas e também a nossa cultura”, explicando que isso é feito “através de estações de aprendizagem e de promoção desse saber local, das tradições e dos costumes”.

Focou também que “o Circuito da Aldeia é um projeto que só existe porque temos vários parceiros, sendo muito importante a matriz intergeracional, com a valorização dos diferentes saberes”.

De acordo com a mesma responsável, “por um lado, temos os saberes dos mais novos, os técnicos científicos e académicos, que preparam essas visitas; por outro, os saberes dos mais velhos que com a sua experiência de vida partilham os saberes populares que nós valorizamos neste projeto”.

Num “cardápio” enorme de atividades, Lurdes Pratas Nico deu conta do “Gabinete do Desenrascanço Estudantil, um projeto que vem desde o início da Suão, e que no fundo foi uma resposta que encontramos para apoiar as nossas crianças e jovens, sobretudo, para evitar os casos de insucesso e abandono escolar”.

Reiterou que, “sabendo que muitos teriam dificuldade para ter outro apoio fora do contexto da escola e da família, a Suão disponibilizou gratuitamente esse apoio”, sublinhando que “os mais velhos apoiam os mais novos, mas as crianças também se apoiam entre si”.

E já que estamos a falar de cultura, não poderíamos deixar de fazer referência à Biblioteca Comunitária, “com cerca de sete mil livros e enciclopédias, sendo que alguns resultam de doações”, lembrou Lurdes Pratas Nico.

Apontou que “a nossa biblioteca tem uma ligação muito estreita com vários parceiros, um deles o DS, em que continuamos a ter aqui o jornal gratuito”.

A esse respeito, frisou que, “no passado, entregávamos o jornal porta a porta, hoje esse hábito já está interiorizado na prática das pessoas e são elas que se deslocam aqui para vir ler ou vir buscar o jornal”, garantindo que “sentem falta quando o jornal não está, o

ficha técnica:



ESCOLA COMUNITÁRIA DE SÃO MIGUEL DE MACHEDE

Ano de Fundação - 1998

Morada - Rua de Évora n.º 7
São Miguel de Machede (Évora)

Contactos:

266 987 485 / suao.fazerbem@gmail.com

Site - <https://suao.pt/>

**Projetos
na área
educativa,
social
e cultural**

que demonstra que o gosto pela leitura e pelo conhecimento foi também um dos objetivos alcançados com este projeto”.

Para remate deste rol de iniciativas, que é ainda mais vasto do que o aqui mencionado, a presidente da Suão destacou “o projeto de educação comunitária, ou seja, a educação de adultos em contexto não formal, em que nós temos aqui todas as semanas um grupo de dez a 12 pessoas, quase todas senhoras, com quem desenvolvemos várias atividades de aprendizagem”.

Evidenciou que esse projeto contribui para “as pessoas saírem de casa e da sua rotina, aprenderem, conviverem e é também um momento para desenvolverem outras competências”, considerando que “é dar sentido ao tempo, um tempo com utilidade, que é ocupado de uma forma saudável”.

A mesma responsável reiterou que “procuramos muito através da educação, da cultura e do apoio social que as pessoas tenham mais qualidade de vida, independentemente do local onde vivemos”.



“Assumimos a educação como instrumento para transformarmos a realidade e essa atividade humana de transformar a realidade é uma atividade profundamente cultural”. - Bravo Nico

Direitos de autor - como proteger?

Mais uma vez neste projeto, colocámos “em cima da mesa” o tema dos direitos de autor. Bravo Nico afirmou que “nós fazemos sempre questão de divulgar os fundamentos nos quais nos baseamos”, afirmando que “onde divulgamos a nossa atividade, e fazemo-lo muito em iniciativas de natureza mais científica, asseguramos que divulgamos tudo referindo aqueles que são os nossos inspiradores, com as referências devidamente identificadas”.

Disse ainda que “gostamos que o contrário também seja feito, pois recebemos aqui muitas visitas de diferentes entidades de todo o país que vêm conhecer a nossa atividade”, apontando que “fazemos questão que os nossos projetos possam ser disseminados e replicados noutros locais e, naturalmente, gostamos que quando isso acontece seja referido que esses modelos foram observados aqui”.

Não obstante, o diretor executivo da Suão garantiu que “não temos uma grande preocupação com isso, o importante é que as boas ideias circulem e que sejam devidamente identificadas as instituições ou pessoas que as tiveram”.

Concluiu, dizendo que “direitos de autor sim, mas sem que impeçam a divulgação, a disseminação e a adaptação das boas ideias porque, no fundo, é isso que interessa”.

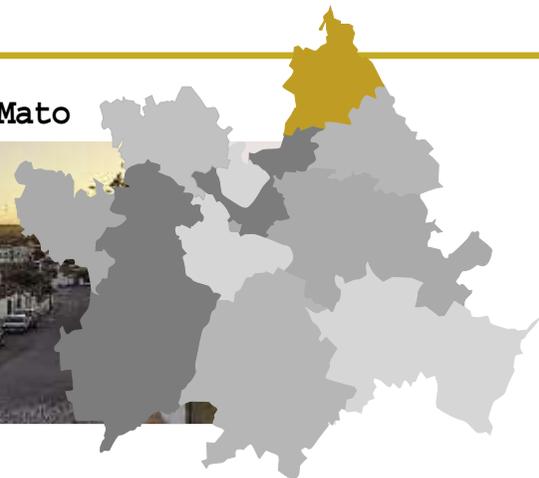
Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

Hoje em dia, a IA é uma temática cada vez mais debatida. Nesta conversa na Suão, também quisemos saber se existem preocupações sobre este assunto.

Lurdes Pratas Nico lembrou que “é algo ainda recente, mas agora já estamos mais acordados para esta realidade, embora ainda haja muito para descobrir”.

Na sua perspetiva, “a IA é fruto da inteligência humana e é aquilo que o ser humano quiser que ela seja”, admitindo que “uma das minhas preocupações é a nível da informação, pois hoje todos temos acesso a vários canais de informação e termos uma ferramenta que pode divulgar muito tipo de informação, e nem toda fidedigna, é um perigo”.

No entanto, para a presidente da Suão também “não podemos achar que vai trazer só aspetos negativos, depende daquilo que o ser humano faça com ela, tal como fez com outras coisas ao longo da humanidade”, exemplificando que “a internet quando surgiu também trazia muitos perigos e se não a soubermos utilizar ela continua a tê-los, por isso, a única forma de nos defendermos é termos informação e conhecimento”.



Grupo União e Recreio Azarujense (G.U.R.A.)

Coletividade quase centenária continua a dar vida à Azaruja

Foi a 8 de outubro de 1929 que foi constituído o Grupo União e Recreio Azarujense (G.U.R.A.), mas a sua origem teve início antes. É um pouco mais da história desta associação sem fins lucrativos, situada na Freguesia de São Bento do Mato, que vamos conhecer nesta edição do projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização", promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Recorde-se que o objetivo é apresentar diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, dando a conhecer uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

A par disso, pretende-se abordar temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), pondo o foco na área da cultura.

O G.U.R.A. encontra-se então em Azaruja, a localidade onde está sediada a Freguesia de São Bento do Mato.

Segundo a informação disponibilizada pela junta desta freguesia, “no início do século XX, existiam em Azaruja dois grupos recreativos – o Clube Azarujense e o Grupo de Instrução e Recreio Azarujense – que mais tarde fundaram o G.U.R.A., por alcunha ‘O Bonó’, a 8 de outubro de 1929”.

A mesma fonte dá ainda conta de que, “em relação à música, conhece-se a existência de uma banda na segunda metade do século XIX”, especificando que, “mais tarde, este grupo deu origem à Banda de Música de Azaruja, hoje Banda Filarmónica do G.U.R.A., fundada a 3 de julho de 1904”.

Na entrevista sobre o



Emílio Franjoso, presidente da Direção do G.U.R.A.

G.U.R.A., estivemos à conversa com o presidente da Direção desta coletividade, Emílio Franjoso. Falou da história desta casa, mas também das atividades que são desenvolvidas e dos desafios que uma associação como esta enfrenta.

“O G.U.R.A. nasceu em 1929, mas já tinha um passado, proveniente de outras coletividades”, recordou.

O mesmo responsável destacou que “a música é a nossa principal área, mas, ao longo dos tempos, fomos tendo outras atividades, que

agora, infelizmente, estão mais paradas”.

Lembrou que “tivemos ginástica, teatro ou marchas populares”, sublinhando que “as pessoas, sobretudo os mais jovens, não têm estado a aderir e torna-se muito difícil dar-lhes continuidade atualmente”.

Não obstante, a componente



da música continua bem viva nesta coletividade, evidenciando Emílio Franjoso a existência da “Banda Filarmónica do Grupo União e Recreio Azarujense, que conta com a participação de perto de 40 músicos, além de ter uma escola de música, também com um número razoável de crianças”.

“A Banda Filarmónica do Grupo União e Recreio Azarujense conta com a participação de perto de 40 músicos”. - Emílio Franjoso

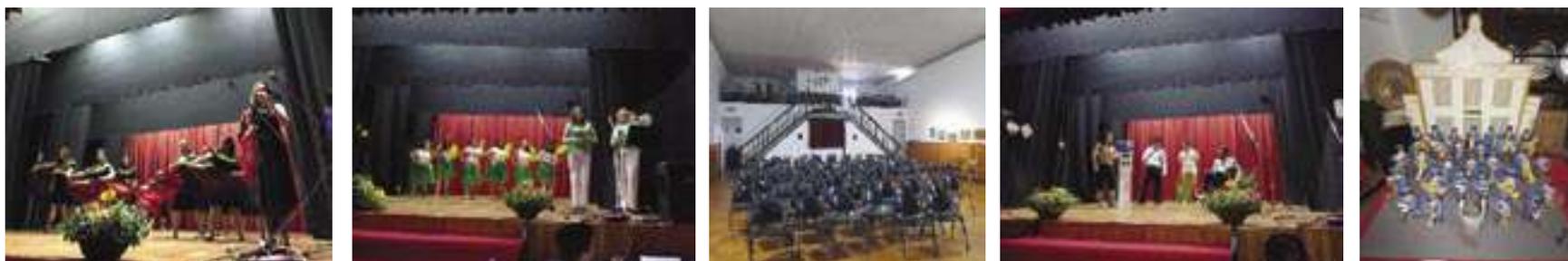
Referiu ainda que “o senhor José Manuel Tobias é o atual maestro e o responsável pela dinamização da banda”, comentando que, “com muito esforço, temos conseguido ter todos os instrumentos de que a banda precisa”. Como exemplo, destacou que “a última aquisição foram uns tímpanos”.

O presidente da Direção acrescentou que “a Banda Filarmónica do G.U.R.A. participa em iniciativas em vários pontos do país”, exemplificando com “a arruada na Avenida da Liberdade nas comemorações do 1.º Dezembro”.

A par disso, relatou “a existência de um coro dentro do G.U.R.A., com cerca de 12 pessoas”, especificando ainda que “há elementos da banda que vão formando outros grupos aqui dentro e desenvolvem algumas atividades”.

Para além desta vertente, a coletividade, que conta com mais de 500 sócios, também vai promovendo diferentes iniciativas ao longo do ano. “Praticamente todos os meses temos eventos, como foi o caso do Baile do Carnaval ou o Jantar do Dia da Mulher”, realçou Emílio Franjoso, adiantando que, “no dia 30 deste mês, temos o Baile da Pinha”.





António Bonifácio é vice-presidente da Direção da G.U.R.A. e tem a seu cargo a exploração do bar da associação.

ficha técnica:



Coletividade com projetos na área da música e atividades recreativas

Grupo União e Recreio Azaruense
Fundado a 8 de outubro de 1929

Ano de Fundação - 1929

Morada - Rua João José Perdigão n.º 15, Azaruja (Évora)

Contactos:

266 047 524 / gurazarujense@sapo.pt

<https://www.facebook.com/GURAZARUJENSE/>



Revelou ainda que “a 3 de julho assinalamos o aniversário da Banda Filarmónica, é também habitual termos aqui um encontro de bandas e depois, em setembro, vamos estar presentes na Feira de Azaruja, na parte de restauração”.

O mesmo responsável apontou que, “na sede, também servimos almoços, jantares e petiscos para se manter a casa aberta”.

Não obstante, lamentou que, “este ano, vamos ter menos eventos porque as pessoas não aderem muito e acabámos por diminuir as atividades”, constatando que “ainda há um certo espírito de comunidade, mas devia de haver mais”.

Segundo Emílio Franjoso, “o G.U.R.A. continua a ter um papel importante na dinamização cultural da freguesia, mas as pessoas já não aderem tanto a certas atividades”, reiterando que “as redes sociais acabam por ser um ‘rival’ e, muitas vezes, são preferidas pelos jovens”.

Relembrou que “o Baile do Chá era muito tradicional, mas nas últimas edições foi menos participado e este ano não se realiza”, focando ainda que “temos aqui salas para diversos jogos, como matraquilhos, damas, póquer, dominó, snooker ou cartas, mas tem havido menos procura”.

O presidente da Direção



garantiu que “vamos tentando adaptar as atividades aos gostos das pessoas e do público, mas há o desejo de voltar a ter essas atividades que se foram perdendo, até porque temos aqui todas as condições”.

Quanto à sede do G.U.R.A.,

é a mesma desde o início e cruzamo-nos com ela ao entrarmos em Azaruja, sendo fácil “perdermo-nos” pelas muitas salas que a coletividade tem. É um edifício com bastante história, onde até encontramos o Museu do G.U.R.A., inaugurado em 2015.

Antigos jogos de tabuleiro ou fotografias das atividades de outras épocas, incluindo das muitas peças de teatros que apresentaram, é parte do espólio ali existente.

Mas há mais. Instrumentos musicais variados, uma maqueta da Banda Filarmónica do G.U.R.A. ou os trajes das marchas deste grupo são exemplos desses elementos que também ajudam a contar este percurso quase centenário.

Direitos de autor - como proteger?

Ao longo do projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, tem havido o interesse de conhecer as preocupações que existem ao nível da defesa e do cumprimento dos direitos de autor.

Quanto ao G.U.R.A., Emílio Franjoso frisou que “as questões relativas aos direitos de autor são tratadas pelo maestro José Manuel Tobias, que aconselha o que fazer nesta área”, defendendo “que é importante ter todos os cuidados nesta matéria”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

A IA começa, cada vez mais, a estar presente nas conversas do dia-a-dia, em diferentes e variadas áreas. No que diz respeito à cultura, através deste projeto também tem havido o objetivo de perceber que implicações pode ter a este nível.

Quando se perguntou ao presidente da Direção do G.U.R.A. se a IA pode vir a prejudicar ou a beneficiar o universo cultural, Emílio Franjoso começou por dizer que “é tudo muito novo” e confessou que “não é uma área em que tenha grande entendimento”, ficando a perceção de que este tema ainda não representa uma preocupação para este género de coletividade.



Grupo de Forcados Amadores de São Manços (G.F.A.S.M.)

Uma associação em que a tauromaquia e a cultura se juntam à área social

1965

É este o ano que marca o início do Grupo de Forcados Amadores de São Manços (GFASM). Foi no dia 24 de agosto desse ano que os elementos deste grupo participaram na sua primeira corrida, precisamente na terra que lhe dá nome.

Situada na União das Freguesias de São Manços e São Vicente do Pigeiro, esta associação sem fins lucrativos está em destaque no projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Como já referido noutras edições, o objetivo é dar a conhecer diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, apresentando uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

Além disso, são também abordadas temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), pondo em evidência a área da cultura.

É sobre a história desta associação, bem como sobre as atividades que desenvolve, que se debruça este trabalho. Para conhecer melhor todo este percurso, estivemos à conversa com João Fortunato, o atual cabo do GFASM.

“O GFASM foi fundado em 1965 por Francisco Caldeira Pereira, com uma grande ajuda de José Jacinto Branco e Ilídio Tabuleiros, que foram dois dos grandes embaixadores do nosso grupo”. Foi assim que João Fortunato começou a narrar estes quase 60 anos de história.

Acrescentou que “Francisco Caldeira Pereira foi assim o primeiro cabo do GFASM, tendo esse cargo sido depois assumido por Joaquim Azeda, em 1971”.

De acordo com o mesmo responsável, “o testemunho foi novamente passado em 1988,



“O GFASM tem várias características, principalmente a união e a entreajuda, mas também a ambição de ser forçado”.

- João Fortunato

neste caso para Joaquim Carvalho”, recordando que “em 2000, foi a vez de Rui Piteira se tornar cabo do grupo”.

Lembrou ainda que, “em 2009, há nova passagem de testemunho, para Joaquim Branco, até que em 2016 passei eu a assumir o lugar de cabo do GFASM”.

Segundo João Fortunato, “ao longo destes quase 60 anos, tem sempre havido uma continui-

dade dentro do grupo”, reforçando que “nunca esteve parado”.

Quando lhe pedimos para definir esta associação, foi perentório em dizer que “o grupo tem várias características, principalmente a união e a entreajuda, mas também a ambição de ser forçado”.

O cabo realçou que “é de facto um grupo de forcados, mas é um grupo de amigos que se

junta para pegar touros”, considerando que “isso é o mais importante, o facto de sermos uma família gigante e com 59 anos de história”.

Na sua perspetiva, “ao longo dos tempos, o GFASM tem passado por vários contratemplos, mas com essa união conseguem-se ultrapassar os problemas”.

Nesse âmbito, João Fortunato referiu que “nestes 59 anos já existiram vários contratemplos”, exemplificando que “já tivemos elementos que ficaram paraplégicos dentro de praça e outros que estiveram entre a vida e a morte”.

A par disso, enumerou “a existência de problemas na vida pessoal de cada um, como pes-

soas que faleceram em acidentes de viação”, explicando que “como somos uma família, depois também tentamos ajudar nos problemas pessoais para ser mais fácil”.

Com quase 60 anos de história é difícil dizer de memória quantos elementos já passaram por esta “casa”, mas o atual cabo focou que “são já algumas centenas de forcados que deram a vida por esta instituição”, revelando que, “atualmente, somos cerca de 30 elementos, com uma média de idades de 23, 24 anos”.

A título de curiosidade, indicou que “o mais novo tem 16 anos e o mais velho tem 33 anos”, mencionando que “não há uma idade mínima para entrar para o grupo, mas costuma-se dizer que a partir dos 18 anos é que já estamos preparados, embora muitos entrem por volta dos 16, como foi o meu caso”.

E por falar na entrada no grupo, João Fortunato destacou que “quase sempre acontece por convite de amigos, mas quem quiser integrar o GFASM basta contactar-nos”, sublinhando que “é muito raro quem vem treinar não ficar cá”.

Constatou ainda que “mesmo os que não ficam, vão gostar de touros e de tauromaquia”, comentando que “isso é o mais importante, ajudar a tauromaquia e ser aficionado”.

Deu também conta de que “temos pessoas no grupo de várias zonas do Alentejo, sobretudo de São Manços, Évora, Monte do Trigo, Reguengos de Monsaraz, entre outras localidades”.

De acordo com o cabo, “em média, participamos anualmente em 14, 15 corridas e nessas corridas pegamos dois ou três touros, se pegarmos sozinhos chegamos aos seis touros”, lembrando ainda que “já participámos em diversas corridas de touros no estrangeiro”.





ficha técnica:



Associação com atividades tauromáquicas culturais e sociais

Ano de Fundação - 1965

Morada - Rua do Sol n.º 29,
São Manços (Évora)

Contactos:

967 289 669 / gfasmancos@gmail.com

<https://angfportugal.org/gfa-sao-mancos/>



João Fortunato,
cabo do Grupo
de Forcados Amadores
de São Manços

Na sua opinião, “os dias em que temos corridas são completamente diferentes, em que estamos todos a pensar no mesmo”, reiterando que “quando estamos dentro da praça defendemos a jaqueta que temos nas costas e a vila de São Manços, isso é o mais importante”.

João Fortunato anunciou ainda que, “para além dos treinos e da participação nas corridas, tentamos ser um grupo dinâmico porque é importante haver mais iniciativas”.

A esse respeito, evidenciou que “organizamos as Festas de Verão de São Manços, que acontecem no último fim de semana de agosto e que vivem à volta da tauromaquia, com largadas de touros, garraizadas e isso também tem feito com que as pessoas venham a esse evento”.

Descreveu que “são seis dias em que a vila se enche de pessoas, muitas delas de fora, e onde não falta uma festa com muita música, petiscos e a parte religiosa”.

O mesmo responsável apontou que “também promovemos outras atividades, nomeadamente no Carnaval e na Páscoa, e dinamizamos tertúlias na nossa nova sede, inau-gurada em maio de 2023”.

Relembrou que, “anteriormente, estávamos noutro espaço, inaugurado em 2009, mas que era mais pequeno”, frisando que “precisávamos de um sítio diferente para dinamizar o grupo e para as pessoas virem até cá ouvir histórias do grupo e sobre tauromaquia”.

O cabo salientou ainda que “tentamos ter o espaço aberto à sexta-feira, sábado e domingo

ao final da tarde, mas não há propriamente um horário”.

Explicitou ainda que “a Câmara de Évora cedeu-nos este novo espaço, que foi antigamente uma escola primária”, deixando também um agradecimento “à junta de freguesia e à população pelo apoio que dão ao grupo”.

Mas este espírito de ajuda é recíproco, pois o GFASM tem a vertente tauromáquica e cultural, mas também uma parte social bastante ativa.

“Fazemos várias atividades de cariz social”, sustentou, dando como exemplo que, “todos os anos, tentamos fazer uma recolha de sangue, algo bastante importante porque por sermos forçados vamos muitas vezes ao hospital e ouvimos que há falta de sangue”.

Destacou que “também tentamos sempre ajudar as outras associações aqui de São

Manços, principalmente o Centro Infantil, porque sem crianças as vilas não crescem, e o centro de dia, inclusive com recolha de alimentos e outras atividades”.

Na sua perspetiva, “é muito importante esta partilha entre as instituições para que entre todos consigamos que a vila de São Manços avance”.

Para João Fortunato, “estas atividades que vão sendo dinamizadas por nós ajudam a manter viva a vila”, rematando que “o facto do grupo de forçados estar aqui sediado tem uma grande importância para esta terra”.

Aferiu que “o GFASM é a instituição mais antiga de São Manços e muitos não acreditavam que passados quase 60 anos esta instituição ainda estivesse viva e com esta vitalidade”.

O cabo venceu ainda que “São Manços tem uma forte tradição tauromáquica e, muitas

vezes, dizemos que é a vila mais taurina de Portugal porque ‘tudo o que mexe’ em São Manços é à volta dos touros”, apontando que “mesmo as festas de outras instituições são quase sempre relacionadas com a tauromaquia e as largadas de

touros”.

Focou também “a importância de termos uma praça de touros em São Manços, com cerca de 40 anos, o que permite que sejam realizadas aqui corridas e trazer a tauromaquia para cá”.

Direitos de autor - como proteger?

Um dos objetivos do projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização" é conhecer as preocupações que existem em termos da defesa e do cumprimento dos direitos de autor neste domínio da cultura.

A este respeito, João Fortunato comentou que “a nível do grupo não há uma opinião em concreto sobre este assunto porque não tem grandes implicações no nosso caso”.

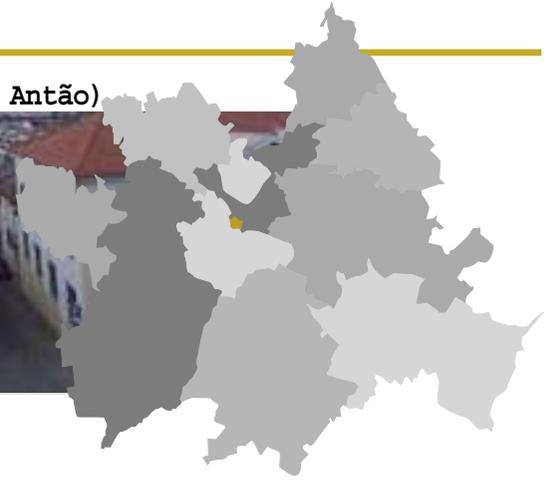
Não obstante, afirmou que “gostamos que as nossas fotografias e as nossas atividades sejam partilhadas porque quando isso acontece dão a conhecer o grupo, mas obviamente que é importante que divulguem dizendo que é nosso”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

Falar em IA já não é algo totalmente desconhecido para muitas pessoas. A dúvida que persiste é em relação às oportunidades e ameaças que esta nova tecnologia pode representar. Neste caso, o desafio prende-se com a área da cultura.

Ao falarmos deste tema com o cabo do GFASM, ele partilhou a sua visão. “Penso que na tauromaquia isso é impossível, principalmente no nosso caso porque um grupo de forçados vive à base da união, da entreatada e de falarmos uns com os outros”, resumiu.

João Fortunato admitiu ainda que “nada disso pode ser substituído artificialmente”, concluindo que “com a IA perdia-se isso tudo e também a essência do próprio grupo de forçados”.



CENDREV – Centro Dramático de Évora

“Foi um projeto pioneiro da descentralização teatral em Portugal”

“ O Centro Dramático de Évora (Cendrev) é um projeto desenvolvido em torno da criação e difusão artística, da formação teatral e da gestão do Teatro Garcia de Resende”.

É com a definição apresentada pela própria associação cultural que damos o mote para mais uma reportagem no âmbito do projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Com este trabalho pretende-se apresentar diferentes atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, dando a conhecer uma entidade em cada uma das freguesias deste território. O objetivo passa também por abordar temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), relacionando estas questões com a área da cultura.

É na União das Freguesias de Évora (São Mamede, Sé, São Pedro e Santo Antão) que se encontra sediado o Cendrev, que tem a sua “casa” no Teatro Garcia de Resende (TGR).

Esta associação cultural foi fundada em 1975, estando assim quase a comemorar 50 anos de existência e de um trabalho em prol da cultura da região e do país.

Para ficarmos a conhecer um pouco mais sobre a sua história, estivemos à conversa com José Russo, diretor do Cendrev, que é também ator da companhia.

“O Cendrev é um filho da Revolução do 25 de Abril e para o ano vamos celebrar os 50 anos da sua fundação”, começou por contar José Russo, recordando que “nessa época em Portugal a cultura em geral, mas o teatro em particular, estava muito



José Russo, diretor do CENDREV

centrada só em Lisboa e em alguns projetos no Porto”.

Especificou que “o território nacional não tinha absolutamente nada”, reiterando que “tinha os movimentos associativos com os grupos de teatro amadores, que eram muito importantes, mas o

Cendrev, por assim dizer, foi a primeira estrutura profissional que se instalou numa cidade de província”.

De acordo com o mesmo responsável, “na altura chamava-se Centro Cultural de Évora e foi um projeto pioneiro da descentralização teatral em Portugal, criado pelo Mário Barradas e um grupo de atores,



“A importância desta estrutura e o seu início foram de facto um marco no desenvolvimento cultural do país”.

- José Russo

atrizes e técnicos de teatro que se dispuseram a vir para Évora e iniciar este projeto”.

Acrescentou que “estreu-se em janeiro de 1975 com o espetáculo ‘A Noite do 28 de Setembro’, escrito e encenado por Richard Demarcy”, constatando que “deu início a esta aventura enorme que desde logo começou a intervir neste equipamento (TGR), recuperando-o”.

José Russo lembrou que “vim ver esse espetáculo, que era todo feito no palco, e montaram umas bancadas no palco para o público se sentar porque o TGR estava imensamente degradado e até chovia na maior parte dos sítios”.

Salientou que “a chegada desse ‘inquilino’ a este edifício, para além da importância cultural e artística que veio trazer, trouxe também a garantia de devolver à cidade e aos eborenses este magnífico espaço que é o TGR, que ao longo destes anos sofreu inúmeras obras de restauro e de requalificação que o deixaram com o aspeto que tem hoje”.

O diretor do Cendrev lamentou que a companhia “nunca teve por parte do Estado, nomeadamente do Governo, o reconhecimento da condição que reclamava, que era ser uma estrutura pública”.

Frisou que “havia esse propósito na sua criação, mas alguns anos depois teve de se constituir como uma associação e passou a funcionar, como acontece em muitos casos no país, beneficiando dos apoios do Ministério da Cultura, bem como da Câmara de Évora, que desde logo disponibilizou o TGR para residência e trabalho da companhia”.

Na sua opinião, “a importância desta estrutura e o seu início foram de facto um marco no desenvolvimento cultural do país”, exemplificando que “logo a seguir à sua criação foram surgindo outros projetos de estruturais profissionais, nomeadamente em Viseu ou Viana do Castelo”.

Como é perceptível, o teatro é a principal área de atuação do Cendrev, mas há uma série de outras iniciativas que promove, a maior parte de âmbito cultural, mas também educacional.



ficha técnica:



**Criação,
programação,
formação
artística
e gestão do
Teatro Garcia
de Resende**

Ano de Fundação - 1975

Morada - Teatro Garcia de Resende,
Praça Joaquim António de Aguiar (Évora)

Contactos:

266 703 112 / geral@cendrev.com

Site: <https://cendrev.pt>

Segundo José Russo, “há essa componente importantíssima que começámos a dar atenção logo desde o princípio que é a relação com as escolas”, focando que “ao longo destes anos fomos construindo um painel Vicente, pelo que o Cendrev é das companhias em Portugal que mais textos apresentou de Gil Vicente”.

Como exemplo apontou que “em coprodução com a Escola da Noite, de Coimbra, repomos todos os anos a Embarcação do Inferno porque responde a uma necessidade dos meninos que estão a estudar Gil Vicente na escola, que podem assim ter acesso a um espetáculo com um texto deste autor”, considerando que “este trabalho com os mais jovens é também muito importante, pois é assim que se vai formando o público”.

O diretor do Cendrev afirmou ainda que “somos uma companhia de teatro de repertório, o que não quer dizer que não possamos fazer abordagens contemporâneas ou desafiar novos dramaturgos, pois isso também tem acontecido; mas o princípio da organização do nosso trabalho artístico assenta, fundamentalmente, nos textos de autor, no teatro escrito pelos autores e que nós procuramos respeitar com muito rigor”.

A par disso, “a componente de recuperação dos Bonecos de Santo Aleixo, um espólio da cultura tradicional alentejana que é hoje uma referência em termos mundiais, é também um marco na vida do Cendrev”, assegurou o ator.

Garantiu que, “a partir deles,

começámos a organizar em 1987 a Bienal Internacional de Marionetas de Évora (BIME), o primeiro festival do género que se fez no nosso país”, constatando que “depois é que começaram a aparecer outros festivais em várias cidades do país”.

José Russo reforçou que “houve a preocupação no momento certo de ir resgatar da casa do Mestre Talhinhas este espólio e convencê-lo a vir ensinar um grupo de alunos da escola de formação teatral do Centro Cultural de Évora a trabalhar com estes bonecos, que aqui ficaram”.

A título de curiosidade, referiu que “hoje eu já trabalho há tanto tempo com os Bonecos de Santo Aleixo quanto o tempo que o

Mestre Talhinhas trabalhou”, sustentando que “já estou em vias de passar o meu testemunho também”.

Durante a conversa, o mesmo responsável realçou que “uma outra componente importante neste percurso todo que temos feito desde 1975 é a formação”, vincando que “por aqui passaram dezenas e dezenas de jovens a fazer formação teatral e técnica que se foram espalhando pelo país em várias companhias”.

Destacou que “no Alentejo criaram-se mais algumas companhias com gente que se formou aqui, quer a nível de formação mais profissionalizante,

quer ao nível do teatro amador”, confidenciando que “eu sou fruto da escola de formação teatral do Centro Cultural de Évora, para onde vim em 1977”.

Deu ainda conta de que, “atualmente, também temos acolhido os alunos de Formação Teatral da Escola Secundária André de Gouveia para fazerem o seu estágio, que depois fazem a apresentação desse trabalho aqui no teatro”.

Quanto à programação do Cendrev e do TGR para este ano, o seu diretor assumiu que “está muito marcada pelas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril”, explicando que “as companhias desse tempo

da Revolução do 25 de Abril foram desafiadas pelo Ministério da Cultura para fazerem um espetáculo sobre este tema”.

Adiantou que “o Cendrev decidiu refazer um espetáculo que fizemos há 20 anos com textos de Lobo Antunes, que se chama Autos da Revolução, que trata de um conjunto de episódios com diferentes personagens, escritas em vários livros de Lobo Antunes sobre aquilo que é o relato da vivência dessas personagens no tempo da revolução”.

Além da sua apresentação no TGR, José Russo afirmou que “queremos levar esse projeto a lugares mais informais, como casas do povo, coletividades ou bibliotecas municipais”, concretizando-se assim “uma verdadeira descentralização”.

O mesmo responsável destacou ainda que “vamos pautando a programação do TGR com outras iniciativas para além do teatro, nomeadamente música, dança, circo, conferências ou exposições”.

Além disso, evidenciou que “estamos naturalmente empenhados em poder contribuir para este percurso de todos nós, da cidade e do Alentejo, a caminho da Capital Europeia da Cultura”, título que Évora vai ostentar em 2027.

Direitos de autor - como proteger?

No que diz respeito ao tema dos direitos de autor ligados à área da cultura, José Russo relatou como têm atuado neste domínio.

“Para nós, os direitos de autor são uma coisa ‘sagrada’, pois entendemos que não nos podemos apropriar indevidamente das coisas dos outros”, comentou, apontando que “é um processo que fazemos de acordo com as regras estabelecidas”.

Assumiu que, “naturalmente, também gostamos que isso aconteça em relação ao nosso trabalho”, lembrando que “tem de ser o autor a fazer o registo desse seu património, seja uma tradução, um texto ou uma música”.

Um dos pontos que o diretor do Cendrev salientou foi que, “enquanto companhia, sentimos que é muito importante guardarmos esta memória do nosso trabalho e a forma de guardar e preservar essas memórias é termos um bom arquivo, algo em que estamos a trabalhar de uma forma muito séria, com a colaboração da Universidade de Évora”.

Na sua opinião, “esses instrumentos são importantes para construir futuro, pois não vamos para a frente sem termos presente a memória”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

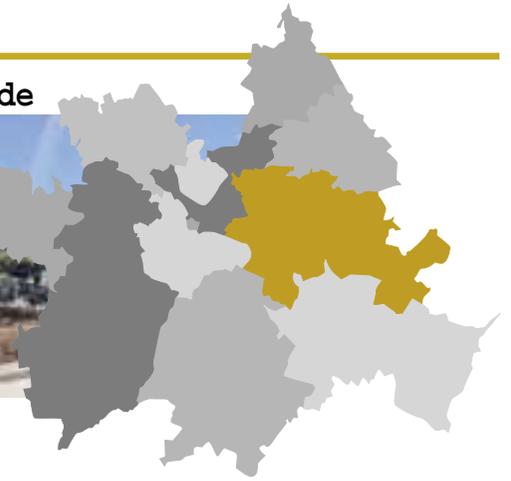
O tema da IA é uma constante nos tempos atuais, daí que tenha voltado a estar “em cima da mesa”, com o objetivo de percebermos se existem preocupações a este nível na área da cultura.

“Entendo a IA como um instrumento para o nosso trabalho”, disse José Russo, justificando que “hoje com um telemóvel colocamos uma dúvida e temos uma resposta, que pode não ser a resposta completa e até pode ser errada, mas permite o acesso a um conjunto de informação muito grande”.

Na sua perspetiva, “este universo da IA e de termos o mundo ‘na nossa mão’ é qualquer coisa de muito importante, mas nessa componente do instrumento, de termos mais uma ferramenta”.

Para o ator, “a nossa área é uma coisa muito humana, o teatro é feito com pessoas e pessoas que fazem de outras pessoas”, resumindo que “há aqui dimensões sensoriais, comportamentais, questões que têm a ver com a observação e esses elementos são as nossas principais ferramentas de trabalho e é com isso que construímos os personagens”.

Na sua ótica, “uma máquina não vai fazer isso, pode é dar-nos pistas, sugerir coisas ou mostrar uma imagem, mas claro que pode ser perigoso, pois este é um universo viciante”, focando que “nós, humanos, não podemos perder a capacidade de controlar isso”.



Casa do Povo de Nossa Senhora de Machede

"A banda filarmónica é o núcleo que une todas as nossas atividades"

O ano de 1940 marca o início da Casa do Povo de Nossa Senhora de Machede, embora as atividades que lhe deram origem remontem ao século anterior.

Com mais uma reportagem no âmbito do projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização", promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress, apresentamos esta coletividade, que fica situada, como o próprio nome indica, na Freguesia de Nossa Senhora de Machede.

Recorde-se que o objetivo deste trabalho é divulgar atividades culturais que são desenvolvidas no concelho de Évora, mostrando uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

Para além disso, visa abordar temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), pondo o foco na área da cultura.

Na entrevista sobre a Casa do Povo de Nossa Senhora de Machede foi possível conhecer mais pormenores sobre esta associação e as iniciativas que realiza, mas também a importância que assume uma coletividade como esta.

O presidente da Direção é Elói Padeiro, mas nesta visita fomos recebidos por Frederic Guerra, tesoureiro desta entidade. Mais conhecido por Fred, foi este jovem que nos contou um pouco da história da instituição.

"A Casa do Povo de Nossa Senhora de Machede foi cedida a todos nós em 1940", recordou, salientando que "o próprio espaço da sede foi cedido pelo engenheiro Sebastião José Perdigão em 1940 e é a partir daí que datamos o nascimento da Casa".

Não obstante, Fred Guerra realçou que "na altura havia grupos de folclore e outras associações fora da Casa do Povo que já vêm desde o século XIX e a Casa do Povo acaba por ser uma



Frederic Guerra, tesoureiro da Direção da Casa do Povo de Nossa Senhora de Machede

junção dessas associações".

Exemplificou que "eram grupos de folclore e grupos de teatro que tiveram origem nos trabalhadores que se juntavam informalmente para descontrair, que mais tarde deram origem a esta organização".

Segundo o tesoureiro, "até 1975, a nossa Casa do Povo funcionava como uma 'Segurança Social', constatando assim que, "para além de uma vertente cultural forte com a banda e o grupo de folclore, também tinha um carácter social muito vincado".

Ao longo destes mais de 80 anos, a coletividade tem tido várias secções, comentando o jovem dirigentes que "com o passar do tempo umas vão surgindo e outras vão ficando suspensas".

Acrescentou que "a nossa maior área é a secção de música, que inclui as marchas, a banda filarmónica e a escola de música", especificando que "os alunos da nossa escola participam na Orquestra Juvenil" de Sopros da Câmara de Évora.

Segundo o mesmo responsável, "há uns anos tivemos também o grupo de cantares, que acabou por recriar a parte teatral da nossa casa, na forma de revista, mas neste momento já não temos".



"Temos de continuar a conectarmos com o mundo através da cultura". - Frederic Guerra



A esse respeito, Fred Guerra confidenciou que há "o objetivo de voltar a ter esta componente, sobretudo da parte teatral", afirmando que "é uma ambição que os sócios têm e nós estamos a trabalhar nesse sentido".

A parte do desporto também tem sido preponderante nesta associação, sobretudo, "a partir dos anos 2000", referiu. Deu conta de que, "atualmente, a secção de BTT é a única que ainda está a funcionar, participando os seus membros em provas ao longo de quase todo o ano, mas já tivemos a secção de airsoft e reencenamento".

De acordo com o mesmo responsável, "a sede da Casa do Povo sempre foi neste local, mas também tem atuado noutros sítios, como a Orquestra Juvenil de Sopros em Évora ou os dois bairros que ficam junto ao campo de futebol".

A esse nível, especificou que "foram criados através da Casa do Povo, que teve esta iniciativa porque a população precisava de casas", lembrando que "juntamente com a câmara e a junta de freguesia fomos nós que iniciámos a construção dos bairros".



Nesta reportagem também ficámos a saber mais sobre as atividades que vão desenvolvendo. “Na primeira metade do ano temos as marchas populares”, mencionou, reiterando que, “apesar das pessoas só verem a parte das atuações e das saídas que acontecem em junho e em julho, há todo um trabalho de bastidores que acontece desde janeiro ou fevereiro em torno das marchas”.

A par disso, revelou que “a banda filarmónica está em atividade durante todo o ano em concertos, arruadas ou procissões”, comentando que “temos meses mais fortes, outros mais fracos, mas geralmente são duas a três saídas por mês”.

Fred Guerra frisou ainda que “costumamos fazer um encontro de bandas por ocasião do aniversário da banda, que foi criada em outubro de 1907”, reforçando que “foi uma das atividades que começou antes do início da Casa do Povo”.

Foi também perentório ao afirmar que “a nossa banda filarmónica é o principal foco desta casa, é o núcleo que une todas as atividades”, lembrando que “foi a partir da banda que nasceram as marchas populares em 2005”.

Além disso, o jovem dirigente sustentou que “foi a partir da banda que houve a necessidade de criar a escola de música, que tem dado muitos frutos e que tem dado a continuidade à banda até agora”.

Constatou que, “apesar de haver troca de maestros, a escola de música vai continuando” e contou que “apostar nos jovens e na escola de música é o nosso foco para que a banda continue a ser o que é”.

A este respeito, o tesoureiro disse ainda que “a escola de música começou no princípio dos anos 2000, embora no século passado tivesse havido pequenas aulas”, anunciando que “na escola de música temos cerca de 15 alunos, sobretudo jovens, mas mesmo pessoas mais velhas podem vir aprender gratuitamente a tocar algum instrumento”.

Já em relação à banda filarmónica, destacou que “temos cerca de 30 elementos, desde os 12 até perto dos 70 anos”.

Falou ainda de um outro serviço que a Casa do Povo de Nossa Senhora de Machede presta à população. “As pessoas podem requisitar o nosso salão, o palco e

ficha técnica:



Ano de Fundação - 1940

Morada - R.ª Eng.º Sebastião José Perdigão n.º 5, Nossa Senhora de Machede (Évora)

Contactos: 266 917 117

<https://www.facebook.com/Casa-do-Povo-de-Nossa-Senhora-de-Machede>

Casa-do-Povo-de-Nossa-Senhora-de-Machede

Coletividade com projetos nas áreas da música, atividades recreativas e desporto

a cozinha para a realização de festas”, referiu, frisando que “no nosso espaço também promovemos bailes no verão, bem como nos aniversários da Casa e da banda”.

Quando perguntámos a Fred Guerra como é que se mantém o dinamismo numa casa do povo nos dias de hoje, o jovem enumerou “três grandes pilares que nos ajudam nesse sentido”.

Mencionou “os pilares exteriores, como a junta de freguesia, câmara municipal e até outra associação nossa amiga, que é a União Desportiva Machedense”, bem como “os pilares internos, que são as nossas secções, nomeadamente a secção de música, com o foco da banda filarmónica”.

O mesmo responsável

salientou também um outro pilar que assenta “nos sócios e em todas as pessoas que dão um pouco do seu tempo à Casa do Povo, significando o próprio nome que é a casa das pessoas, que podem usufruir do que temos aqui”.

Resumiu ainda que, “sendo esta uma casa do povo, também tem a sua cultura lá dentro”, opinando que “o que atrai as pessoas a ajudarem é a cultura, nós damos a nossa cultura e as pessoas trazem um pouco de si para cá”.

Durante a conversa, Fred Guerra também falou das suas motivações em fazer parte de uma coletividade como esta. “Desde pequeno que estou na banda filarmónica e sentia que precisava de dar mais à Casa e que a própria Casa também precisava”, reiterando que “há algum tempo



que a Casa precisa de pessoas com garra e confiança, de uma renovação de gerações”.

Na sua perspetiva, “já que temos as condições porque não damos a nossa cultura e as pessoas trazem um pouco de si para cá”.

Para o tesoureiro, o facto desta associada se encontrar “numa freguesia rural também ajuda a haver este sentido de pertença à Casa”.

Confessou que “sinto que a Casa do Povo é como se fosse um

computador, nós estamos ligados ao mundo através da internet, aqui estamos ligados ao mundo através da cultura”, comentando que “isso é um grande foco para nós, temos de continuar a conectarmos com o mundo através da cultura”.

Na sua opinião, “os mais novos tendem a ver isto como uma atividade de lazer, vêm para cá aprender música ou dançar nas marchas como uma forma de distração”, sublinhando que “acaba por ser bom para não estarem só ligados a um ecrã”.

Direitos de autor - como proteger?

Através do projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, pretende-se também conhecer as preocupações que existem ao nível da defesa e do cumprimento dos direitos de autor.

Quanto à Casa do Povo de Nossa Senhora de Machede, Fred Guerra admitiu que “quando criamos algo, não temos muito a preocupação de que nos copiem, pois não vimos isso como uma apropriação, mas sim como uma partilha de cultura e de atividade”, assegurando que “tudo o que fazemos, fazemo-lo abertamente para a população e até mesmo para outras associações”.

Exemplificou que, “muitas vezes, juntamo-nos com outras bandas do concelho, como a da Azaruja, São Miguel de Machede ou a Liberalitas Julia, e tocamos as músicas”.

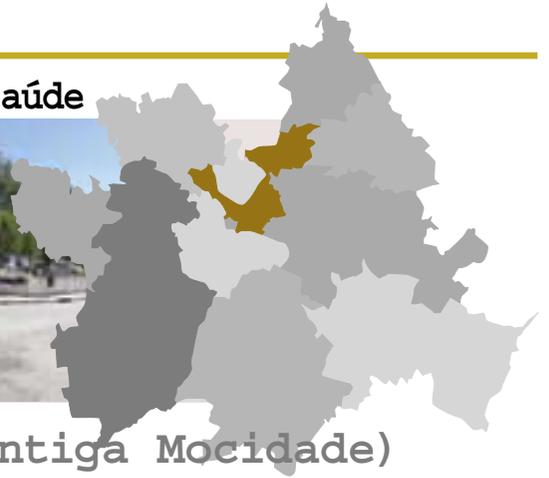
Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

Nos dias de hoje, falar do tema da IA é cada vez mais pertinente. Neste trabalho não quisemos deixá-lo de parte e tentamos perceber que implicações pode ter a nível da cultura.

O jovem dirigente assumiu que “não tenho uma opinião concreta a esse respeito, mas penso que a IA seja uma ferramenta útil para nós, tanto como membros da sociedade, como para o nosso futuro”.

Na sua ótica, “a IA tem de ser usada da melhor forma e a melhor maneira que temos até agora de utilizá-la é como uma ferramenta para o nosso dia-a-dia, para os nossos trabalhos”.

Fred Guerra realçou que “os perigos da IA vêm da forma como nós a utilizamos” e comparou esta ferramenta com “um cavalo”, concluindo que “se estiver domado, conseguimos utilizá-lo a nosso favor”.



Sociedade Recreativa e Dramática Eboreense (antiga Mocidade)

Há 130 anos a contribuir para o enriquecimento cultural de Évora

Manter uma coletividade ao longo de mais de 100 anos não é tarefa fácil. Que o digam os dirigentes das associações centenárias que existem espalhadas pelo país, muitas com poucos recursos.

É a história de uma delas, mais precisamente da Sociedade Recreativa e Dramática Eboreense (SRDE), também conhecida por antiga Mocidade, que vamos apresentar nesta edição do projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, promovido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Recorde-se que o objetivo é divulgar diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, destacando uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

Além disso, visa abordar temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), pondo o foco na área da cultura.

A SRDE está situada junto ao centro histórico de Évora, mas já faz parte da União das Freguesias de Bacelo e Senhora da Saúde. Atualmente, a sede é na Avenida da Universidade, mas já passou por outras “casas” ao longo dos seus 130 anos.

Para conhecer melhor a história desta instituição, estivemos à conversa com Francisco Correia e José Florindo, respetivamente, presidente e vice-presidente da Direção da SRDE, que nos contaram mais pormenores sobre este percurso.

Segundo Francisco Correia, “a nossa sociedade foi fundada a 25 de abril de 1894 por um grupo de jovens admiradores, simpatizantes e amantes da arte teatral, formando uma associação



Francisco Correia, presidente da Direção da SRDE, e José Florindo, vice-presidente da mesma coletividade

denominada ‘Grupo Recreativo e Dramático Mocidade Eboreense’, especificando que “começaram a coordenar, montar e desenvolver a atividade teatral”.

Acrescentou que, “em 16 de novembro de 1910, e por legalização dos estatutos, passou a denominar-se ‘Sociedade Recreativa e Dramática Mocidade Eboreense’”.

É já mais tarde, “a 1 de março de 1940, que passou a denominar-se definitivamente por ‘Sociedade Recreativa e Dramática Eboreense’, também designada por antiga Mocidade”, explicou o presidente da Direção.

Em relação aos espaços que “habitou”, o mesmo responsável recordou que “esta associação conferiu aos seus fundadores muitos sacrifícios e esforços para a poderem manter, mas, ainda assim, foi possível conseguirem a sua primeira sede (arrendada) na Rua de S. Domingos desta

cidade”.

Realçou ainda que, “mais tarde, numa data que não podemos precisar, mudou para a Rua do Mau Foro, hoje conhecida por Rua Bernardo Matos”, adi-



#

Francisco Correia
“Os bailes são uma atividade que temos com regularidade. Nesses dias, é casa cheia”.



antando que, “em 1904, transitou para o Palácio Condes dos Bastos (Pátio de S. Miguel), onde se manteve até 1962”.

Na altura, saíram desse local porque “o proprietário do espaço, Vasco Maria Eugénio de Almeida, pretendia restaurar o referido Palácio”, referiu Francisco Correia, focando que “a SRDE instalou-se, durante dez anos, nuns barracões contíguos ao Pátio de S. Miguel, que não tinham as mínimas condições para a coletividade desenvolver as suas atividades”.

Perante este cenário, a construção de uma sede própria impunha-se. “Para isso, foi preciso angariar o terreno, fundos, materiais e mão-de-obra, mas finalmente conseguiram construí-la, vindo a celebrar-se a sua inauguração na Avenida da Universidade, Zona de Urbanização n.º 3, no dia 27 de maio de 1973, local onde hoje se mantém”, evidenciou o presidente da Direção da SRDE.

Lembrou ainda que, “numa data posterior, foi-nos doada pela Câmara Municipal de Évora uma



#

José Florindo
“As atividades que promovemos são importantes para manter os sócios envolvidos com a coletividade e para angariar novos associados”.



ficha técnica:



**Coletividade
com atividades
culturais,
recreativas e
desportivas**

Ano de fundação - 1894

Morada - Avenida da Universidade - Zona de Urbanização n.º3 (Évora)

Contactos - 266 703 284

faixa de terreno, com a área de 230 metros quadrados, situada nas traseiras do edifício da sede, com a obrigatoriedade de se construir um parque infantil para os filhos dos sócios”.

O mesmo responsável esclareceu que “esse espaço acabou por ser transformado num parque para atividades culturais e recreativas, onde foi construído um palco, dois camarins e uma pista de dança para bailes, hoje denominado por Recanto de Centenário”.

Depois do resumo destes 130 anos, Francisco Correia falou das atividades que a SRDE tem atualmente para oferecer aos seus sócios.

“Aulas de ioga, dança clássica, dança do fado, karatê e pintura” foram as atividades apontadas pelo dirigente associativo, salientando que “todas estas ocupações para os nossos sócios têm um professor”.

Garantiu também que “os sócios não pagam, as atividades são todas suportadas pela SRDE”, considerando que “o facto de serem exclusivas para sócios contribui para irmos angariando novos associados”.

É também para os sócios que são dirigidos os bailes que acontecem na coletividade. “Durante o mês de agosto temos bailes todos os sábados, nos restantes meses acontecem, habitualmente, de 15 em 15 dias”, revelou o mesmo responsável, afirmando que “as pessoas continuam a gostar muito desta atividade, é casa cheia”.

De acordo com Francisco Correia, “apesar da entrada ser exclusiva para sócios, é possível levar um amigo para experimentar, que se quiser continuar a ir, depois tem de se associar”. Deu ainda conta da existência “de serviço de bar através do restaurante localizado na sede, que se encontra a ser explorado por terceiros”.

A par disso, referiu que, “por vezes, convidamos alguns grupos de teatro a fazerem aqui apresentações, além de termos um grande entendimento com a Casa

do Povo de Nossa Senhora de Machede, que todos os anos vem aqui fazer a demonstração da sua marcha popular”.

Tendo a antiga Mocidade a sua génese na arte da dramatização, o presidente da Direção lamentou que, “neste momento, não temos um grupo de teatro” e relembrou que “também já tivemos um grupo de cantares alentejanos e marchas populares”, afirmando que “são atividades que gostava de ver retomadas”.

No entanto, reiterou que “as pessoas até mostram interesse, mas depois quando é para ensaiarem acabam por não participar e essa falta de disponibilidade não tem permitido dar continuidade a esses projetos”.

Nos dias de hoje, José Florindo assume, sobretudo, a área

administrativa, mas há mais de 20 anos que também tem estado ligado à organização de atividades dentro da SRDE, relatando como tem sido o envolvimento dos sócios nesta vertente.

“Quer as marchas populares, quer os cantares foram atividades instituídas por mim, a pedido dos sócios”, confidenciou o vice-presidente da Direção.

Em relação aos cantares, salientou que “ainda mobilizei um grupo de 22 pessoas, mas logo no primeiro ensaio só apareceram 17 e depois foram diminuindo, pelo que chegámos à conclusão de que não era possível dar-lhe continuidade”.

Focou que “com as marchas populares o percurso também foi semelhante, embora ainda tenham durado cinco anos”, comentando que “as pessoas têm



vontade, mas depois não assumem a sua comparência”.

Na sua opinião, “nas freguesias rurais é capaz de haver mais facilidade em manter estas atividades, pois são meios mais pequenos, as pessoas conhecem-se e há um maior sentido de pertença, pelo que há uma outra ligação”.

Para José Florindo, “na cidade acaba por ser diferente, há muito mais iniciativas e também não existe aquela ligação que há nas aldeias”, constatando que “há muito mais gente, mas as pessoas praticamente não se conhecem umas às outras”.

No que diz respeito ao número de associados da SRDE, o vice-presidente anunciou que “temos cerca de 600 sócios ativos, na sua maioria pagantes”, considerando que “isso é bastante relevante, pois há muitas sociedades em que a maior parte dos

sócios não são pagantes”.

Na sua perspectiva, “as atividades que desenvolvemos são importantes para os manter envolvidos com a coletividade, bem como para ajudar a angariar novos sócios”, dando ainda conta de que têm apostado “em obras de restauração para renovar e manter o espaço em condições para os associados”.

Já na reta final da conversa, o mesmo responsável apontou que “temos mais um ano de mandato e gostava que quando chegasse ao fim houvesse alguém a ‘pegar’ nisto”, admitindo que “sinto-me cansado e é preciso renovar as gerações”.

Não obstante, assegurou que “até podemos ficar mais na retaguarda, para ajudar quem venha, pois quem não tem experiência não tem noção do trabalho e de toda a gestão de uma casa como esta”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

A temática da IA é incontornável e marca presença em muitas áreas da nossa sociedade. E na cultura, qual o papel que pode assumir?

Foi precisamente essa a questão que colocámos ao presidente da Direção da SRDE, que realçou que “não é um assunto que conheça bem, pelo que não sei se será bom, se será ruim”.

Embora prevaleça a perceção de que este tema ainda não representa uma preocupação para este género de coletividade, Francisco Correia comentou que, “na área da cultura, penso que há coisas que são insubstituíveis, mas já não digo nada”, exemplificando, contudo, que “é difícil substituir o convívio que existe nos bailaricos”.

Direitos de autor - como proteger?

O projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização” tem um ponto fulcral relacionado com conhecer as preocupações que existem ao nível da defesa e do cumprimento dos direitos de autor.

Relativamente à antiga Mocidade, Francisco Correia garantiu que “temos sempre muito cuidado com os direitos de autor e pagamos tudo o que é necessário”, reiterando ainda que, “como hoje em dia não temos produção artística, não se aplica respeitarem os nossos direitos de autor”.



Grupo Desportivo Cultural e Recreativo da Graça do Divor

"As Grandiosas Festas da Graça do Divor são o momento mais forte da atividade cultural deste grupo"

Fundado a 25 de junho de 1982, o Grupo Desportivo Cultural e Recreativo da Graça do Divor (GDCRGD) é uma associação sem fins lucrativos, que tem vindo a contribuir para promover o território onde se encontra.

Situada na Freguesia da Nossa Senhora da Graça do Divor, esta coletividade está em destaque no projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização", desenvolvido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Como já referido noutras edições, o objetivo é divulgar diferentes atividades culturais dinamizadas no concelho de Évora, dando a conhecer uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

A par disso, são também tratadas temáticas relacionadas com os direitos de autor e a Inteligência Artificial (IA), pondo em evidência a área da cultura.

Em conversa com Bento Varela, presidente da Direção do GDCRGD, ficámos a conhecer melhor a história desta associação que já conta com mais de 40 anos de existência.

"Este grupo foi criado a 25 de junho de 1982, mas nessa altura eu não fazia parte dos órgãos sociais", referiu, recordando que "entrei em 1984, como segundo secretário da Direção, e só mais tarde, em 1995, é que assumi o cargo de presidente da Direção, que mantenho até hoje".

De acordo com o mesmo responsável, "até há cinco ou seis anos, a nossa área de atuação incidia basicamente sobre o futebol", lembrando que, "quando assumi a presidência deste clube, uma das coisas que propus foi que participássemos num campeonato do Inatel".

Realçou que "esta é uma

Bento Varela, presidente da Direção do GDCRGD e Isidro Lobo, presidente da JF da Graça do Divor, local onde este grupo desportivo tem a sua sede provisória.



"Até há cinco ou seis anos, a nossa área de atuação incidia basicamente sobre o futebol, mas atualmente conseguimos agregar tudo o que é desporto da freguesia no nosso grupo". - Bento Varela

aldeia pequena, não há muitas condições e até tive de alterar os nossos estatutos, de acordo com o Inatel, para começarmos a participar nesse campeonato, algo que aconteceu (julgo não estar enganado) por volta de 1996".

Bento Varela acrescentou que "fomos crescendo dentro desse campeonato, até que em 2003/2004 ganhámos o primeiro campeonato distrital do Inatel".

Evidenciou que, "a partir daí, seguiram-se quase duas décadas de hegemonia da Graça do Divor nesse plano", lembrando que "chegámos a ganhar nove vezes consecutivas esse campeonato e temos um elevado número de troféus, até que a pandemia, tal como afetou outras coisas, também nos afetou a nós".

O presidente da Direção disse que, "dentro da área do futebol, parámos durante dois anos e agora as coisas estão a recomeçar outra vez aos poucos".

Assumi ainda que "a pandemia trouxe-nos coisas más, mas também nos alertou para outras para as quais não estávamos despertos", constatando que "só víamos o futebol e nessa altura houve um 'click' que nos ajudou a direcionar para outras áreas".

A esse respeito, o mesmo responsável salientou que "conseguimos agregar tudo o que é desporto da freguesia no nosso grupo", especificando que "temos caminheiros, a secção da



malha, uma equipa de ciclismo e outra em corridas; não é nada de federado, mas vamos participando em provas e eventos".

Relativamente à área recreativa e da cultura, Bento Varela deu conta do trabalho que estão a desenvolver neste domínio.

"Tentámos lançar uma secção cultural", lembrou, focando que "já fizemos algumas tentativas e houve interesse de algumas pessoas, mas acabou por não se avançar".

Não obstante, o mesmo responsável frisou que "a junta de freguesia inaugurou um espaço cultural, onde eram os antigos tanques, e foi feita uma exposição de fotografias com a parceria de algumas pessoas aqui do grupo".

Apontou também que "as Grandiosas Festas da Graça do Divor são o momento mais forte da atividade cultural deste grupo, das quais somos parte integrante, juntamente com os nossos parceiros, nomeadamente a associação juvenil, o lar de idosos e a Casa do Povo".



Segundo o presidente da Direção do GDCRGD, “são umas festas com muita fama, visitadas por muita gente e sempre no último fim de semana completo de agosto”, afirmando que “tentamos não coincidir com as festas das freguesias vizinhas, para que todos se divirtam”.

A par disso, mencionou que “no último fim de semana de setembro, fazemos, normalmente, a comemoração do nosso aniversário”.

Bento Varela referiu que “o nosso aniversário é em junho, mas como nessa altura costumamos estar na Feira de São João, com uma tasquinha, que acaba por nos dar algum alento para as nossas atividades, então decidimos fazer a festa de celebração do aniversário só no final de setembro”.

Quanto a essa comemoração, “inclui atividades desportivas, bailarico, comes e bebes, é já conhecida pela festa do porco assado no espeto”, acrescentou.

O mesmo responsável disse ainda que, “ao longo do ano, vamos fazendo alguns bailes; fazemos parceria com a junta de freguesia para outras iniciativas, como é o caso do Carnaval; ou com a associação juvenil para outras festas”.

Afiçou que “temos uma boa relação com as outras instituições aqui da freguesia e a prova disso é que as Festas da Graça do Divor fizeram agora 30 anos neste modelo”.

Estando a falar-se de uma freguesia rural, é fácil envolver as pessoas nestas iniciativas? Na opinião deste dirigente, “é mais fácil agora desde que temos estas atividades todas aglomeradas, quando tínhamos só futebol era mais complicado envolver pessoas, pois achavam que era ‘só da bola’”, assumindo que “as pessoas acabam por se identificar mais por haver um maior leque de atividades”.

Sublinhou que “incrementámos o número de associados talvez em 20 ou 25 por cento em relação ao que tínhamos”,

ficha técnica:



Coletividade com atividades desportivas, culturais e recreativas

Ano de Fundação - 1982

Morada (provisória) - Rua 9 de Janeiro, Nossa Senhora da Graça do Divor (Évora)

Contactos: 266 967 133 (tel. JFGD)

[https://www.facebook.com/Graça Divor](https://www.facebook.com/Graça%20Divor)

avanzando que “temos mais de 100 sócios pagantes, mas no global são perto de 200”.

Em relação à importância destas coletividades para as freguesias mais rurais, Bento Varela considerou que “é fundamental haver alguém que faça alguma coisa pela terra, contribuindo também para que as pessoas se sintam ativas”.

Comentou que “a Graça do Divor é, de certa forma, um dormitório de Évora e há muita gente que vem do trabalho e vai para casa, mas alguns já começam a ter interesse nas atividades”, sustentando que “este é um meio tão pequeno e conhecemo-nos todos uns aos outros, pelo que temos de trabalhar todos para o mesmo”.

No que diz respeito à “casa” do GDCRGD, o mesmo responsável destacou que “temos a sede provisória no edifício da Junta de Freguesia da Graça do Divor, mas temos a ambição de ter um espaço próprio”.



Explicou ainda que “eu e os meus colegas já falámos de tentar colocar neste campo de futebol um sintético, nem que fosse em segunda mão”, assegurando que “já falei inclusive com o presidente da Câmara de Évora sobre essa ideia”.

Reforçou que “como está o campo, a nível de futebol não tem muito mais futuro porque está a sair uma geração de miúdos que só foram habituados a jogar em sintético”, referindo que, “neste momento, quando



Bento Varela, presidente da Direção do GDCRGD - Grupo Desportivo, Cultural e Recreativo da Graça do Divor

falamos em jogar na Graça do Divor não há jovens que queiram vir rasgar as meias ou sujar-se de lama”.

Além disso, “neste mandato, também queríamos resolver a questão da sede”, assegurou Bento Varela, apontando que, “aqui ao lado, existe um espaço no qual temos interesse e estamos a tentar essa hipótese”.

Exemplificou que “ao não termos um espaço para nós, os cerca de 30 troféus que ganhámos ao longo destes anos estão guardados no balneário à mercê de se estragarem”.

O mesmo dirigente sublinhou que “temos este espaço na junta para fazer as nossas reuniões, mas temos de estar sempre dependentes”, reiterando que “esse assunto também já foi falado na assembleia de freguesia e vamos continuar a insistir para resolver esta situação”.

Na sua perspetiva, a resolução destes dois desafios (campo sintético e sede própria) “poderia ajudar a dinamizar mais o grupo porque tendo um espaço poderíamos organizar muito mais iniciativas”.

Garantiu que “estamos sempre abertos a novas ideias e tem havido sócios a fazerem propostas”, dando como exemplo que “houve até um diretor que lançou a ideia de voltarmos a fazer as Brincas de Carnaval na Graça do Divor, ainda não avançou, mas pode ser que seja para o ano”.

Bento Varela admitiu também que “a junta de freguesia tem sido um parceiro incansável do nosso grupo, não temos o mínimo a dizer e temos sido sempre apoiados, mas também não podem fazer tudo”, confessando ainda que “sentimos falta de ter uma casa nossa”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

O mundo da IA está cada vez mais presente nos nossos dias, não escapando o setor da cultura a essa realidade. Contudo, numa associação como o GDCRGD, esta é uma temática que ainda não representa uma preocupação efetiva.

Não obstante, Bento Varela focou que “cada vez mais vai-se falando na IA e é uma coisa que se for aproveitada para o bem deve ser fantástica, se for aproveitada para o mal é um maior risco que corremos”, concluindo que “é um terreno que poderá ser muito vantajoso, mas que é perigoso”.

Direitos de autor - como proteger?

O projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização" tem também a missão de conhecer as preocupações que existem ao nível da defesa dos direitos de autor. No entanto, relativamente ao GDCRGD, este é um tema que, por norma, não se aplica aos projetos que promove, embora haja o cuidado de cumprir o que seja necessário a este respeito.



Ebora Megalithica

Centro Interpretativo dos Almendres potencia visita guiada megalítica e projeto educativo



Sira Camacho, responsável pelas visitas guiadas e pelo projeto educativo da Ebora Megalithica.



Explicou que “recebemos aqui grupos enormes e isto propicia uma interação entre os vizinhos, os miúdos e nós”, reiterando que “criou algumas estratégias de socialização que antes não existiam”.

Quanto ao trabalho que a Ebora Megalithica desenvolve, a mesma responsável adiantou que “a nossa atividade principal é a visita megalítica, que é uma visita aos monumentos megalíticos para o público em geral, guiada por arqueólogos”.

Evidenciou que “a visita megalítica inclui o Cromeleque dos Almendres, o Menir dos Almendres (quando possível, porque o caminho pedestre não está com grande acessibilidade) e a Anta Grande do Zambujeiro”.

Sira Camacho sublinhou que “as pessoas aprendem um pouco sobre o que são os monumentos, o que representam para nós e têm acesso às teorias mais recentes da Arqueologia, pois o nosso objetivo é manter uma visita que está atualizada cientificamente”.

Mencionou também que “a outra proposta que temos é o projeto educativo, em que trazemos as escolas ao nosso centro, onde temos um parque para fazermos as atividades”.

A arqueóloga revelou que “estas atividades estão otimizadas para 5.º e 7.º anos, que é quando estudam mais a pré-história, mas podem ser ajustadas a qualquer nível de ensino”, confirmando que “já tivemos miúdos de pré-escolar e de 1.º ciclo, mas também adultos e famílias que vêm fazer connosco esta aula ao ar livre”.

Explicou também que “nós munimo-nos de réplicas de materiais da pré-história, como crânios impressos em 3D sobre os homínidos da nossa evolução, e falamos um pouco sobre o que é o processo arqueológico e como é que reconstruímos a vida e, às

É em Guadalupe que se encontra a Ebora Megalithica, uma empresa que faz comunicação para património. Já com 15 anos de existência, este projeto ganhou particular destaque com a criação do Centro Interpretativo dos Almendres, que aconteceu cerca de uma década depois do seu início.

Situada na União das Freguesias de Nossa Senhora da Tourega e Nossa Senhora de Guadalupe, esta empresa está em foco no projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, desenvolvido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Como já referido noutras edições, o objetivo é dar a conhecer diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, apresentando uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

A par disso, são também abordadas temáticas ligadas aos direitos de autor e à Inteligência Artificial (IA), pondo em evidência a área da cultura.

Nesta “viagem” pela Ebora Megalithica fomos “conduzidos” pela arqueóloga Sira Camacho, que é a responsável pelas visitas guiadas e pelo projeto educa-

tivo.

“A Ebora Megalithica começou a trabalhar em 2009 com as visitas guiadas megalíticas, que incluem o Cromeleque dos Almendres, o Menir dos Almendres e a Anta Grande do Zambujeiro”, recordou, referindo que “servimo-nos das ferramentas da Arqueologia pública para comunicar para o património”.

Segundo Sira Camacho, “progressivamente, começou a verificar-se que não existia qualquer tipo de estrutura que pudesse fazer a receção ao visitante aqui na enquadrante do Cromeleque dos Almendres, pelo que foi identificada essa necessidade”, realçando que “os sócios na altura decidiram criar o Centro Interpretativo dos Almendres para colmatar essa falta”.

Reforçou que “existia a falta de um centro de visitantes, com wc, uma loja e principalmente com informação para as pessoas que não fazem visitas guiadas sobre a Arqueologia da região, sobretudo

de Évora e do Alentejo Central, e sobre a paisagem desta zona, nomeadamente o montado, relacionando-os com os monumentos que vão ver”.

A arqueóloga acrescentou que “o Centro Interpretativo dos Almendres foi inaugurado a 15 de junho de 2019 e, desde então, notámos uma diferença na afluência de pessoas que começaram a vir informar-se e têm muito gosto em passar tempo connosco”.

Especificou ainda que, “essencialmente, notámos uma grande

diferença em Guadalupe, nesta zona em que não havia nada, era um ermo, criámos a possibilidade das pessoas se juntarem ao fim do dia, por exemplo”.

De acordo com Sira Camacho, “na zona exterior criámos um espaço com bancos e mesas de piquenique e, às vezes, fazemos almoços temáticos”, constatando que “os vizinhos passam tempo aqui connosco e criou-se uma comunidade em torno do Centro Interpretativo dos Almendres que não existia anteriormente”.

Na sua opinião, “o Centro Interpretativo dos Almendres criou um espaço para a socialização das pessoas de Guadalupe, mas também para a sua interação com os turistas e, principalmente, com as crianças que aqui vêm através do programa educativo”.





“Com o degradar do estado da estrada, nos últimos dois anos letivos, tornou-se impossível levar os alunos ao Cromeleque dos Almendres”.

- Sira Camacho

vezes, o imaginário das pessoas do passado com base na cultura material”.

A mesma responsável anunciou que, “depois da aula, temos sempre uma atividade de Arqueologia experimental ou experiencial, pois queremos que os nossos alunos tenham oportunidade de experimentar fazer um objeto da pré-história que utilize apenas as técnicas e os materiais disponíveis na altura, como placas de xisto, por exemplo”.

Salientou ainda que “o projeto educativo também pode incluir a visita a um monumento megalítico”.

A esse nível, Sira Camacho lamentou que, “inicialmente, tínhamos sempre o Cromeleque dos Almendres nessa lista, mas com o degradar do estado da estrada tornou-se impossível, nos últimos dois anos letivos, que os autocarros cheguem até lá”, contando que “substituímos essa visita pela Anta Grande do Zambujeiro”.

A oferta da Eborá Megalithica não se esgota com as duas propostas já apresentadas, comentando a arqueóloga que “temos ainda um outro programa, que é o que fazemos menos, até porque precisa de marcação prévia e a maioria dos nossos visitantes não marca previamente”.

Trata-se dos “workshops de Arqueologia Experimental, em que trabalhamos várias temáticas como a cerâmica, talha de pedra, placas de xisto, arte rupestre com pigmentos naturais, entre outros”, disse.

Destacou que “está disponível para famílias e grupos organizados, incluindo uma parte mais teórica sobre aquilo que estamos a fazer, mas são, sobretudo, workshops para pôr a ‘mão na massa’”.

Sira Camacho reiterou que, “ao longo do ano, estamos a pensar criar vários workshops

ficha técnica:



Empresa que faz comunicação para património, dispendo de serviços educativos em Arqueologia e pré-história

Ano de fundação - 2009
Morada - Rua do Cromeleque - Centro Interpretativo dos Almendres, Guadalupe (Évora)
Contactos - 266 782 069 / 964 808 337
919 549 745
eboramegalithica@gmail.com
www.eboramegalithica.com



diferentes, que sejam periódicos, para trazer um pouco de mais movimento aqui ao parque”.

A esse respeito, justificou que “o parque do Centro Interpretativo dos Almendres, por norma, está fechado, apenas é utilizado com marcação prévia, pois não havendo ninguém para acompanhar a visita não achamos que faça sentido estar aberto, pelo que os workshops são uma oportunidade para ver os nossos materiais e aprender sobre a pré-história”.

E o que pode ser encontrado nesse parque? “Tem vários objetos e recursos que fazem uma alusão à pré-história e temos três estruturas habitacionais, ou cabanas, para representar cada um dos períodos da pré-história”, ressaltou a mesma responsável.

Exemplificou ainda que “temos uma réplica de uma cabana que representa o período anterior à Idade do Gelo; uma tenda ‘tipi’, que representa a época Glaciár; e temos a nossa cabana neolítica, dos pastores e agricultores que se estabeleceram aqui na região, que construíram os monumentos megalíticos e que viveram nos povoados aqui deste território”.

Direitos de autor - como proteger?

Mais uma vez, o tema dos direitos de autor foi colocado “em cima da mesa” e falámos com a nossa entrevistada sobre esta questão.

Para Sira Camacho, “os direitos de autor não implicam no nosso trabalho”, explicando que “temos informação escrita nos painéis lá fora, que foi escrita por nós ou compilada por amigos, pois recorremos sempre a profissionais de cada área para toda a informação que ali temos”.

Assegurou que “dizemos às pessoas para tirarem fotografias e vamos inclusive imprimir um pequeno livro com aquela informação

porque muita gente quer levar isso para casa”, garantindo que “não é uma questão que nos preocupe, pois a nossa intenção de tudo o que produzimos é que seja para o público em geral”.

A arqueóloga reiterou que “somos uma empresa e, obviamente, o nosso objetivo é fazer dinheiro, mas achamos que esta informação não deve ser negada a ninguém e que deve ser de livre acesso porque conhecimento é poder”, reforçando que “gostamos de capacitar as nossas comunidades e os nossos turistas”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

O projeto “A Cultura tem Autor - Descentralização” dá também atenção ao tema da IA, que marca, cada vez mais, presença em muitas áreas da nossa sociedade. Neste caso, quisemos saber, principalmente, sobre as preocupações e as vantagens para a área da cultura.

Sira Camacho confessou que “para nós ainda não há uma grande preocupação, até porque não temos qualquer tipo de material que possa ser replicado por IA”.

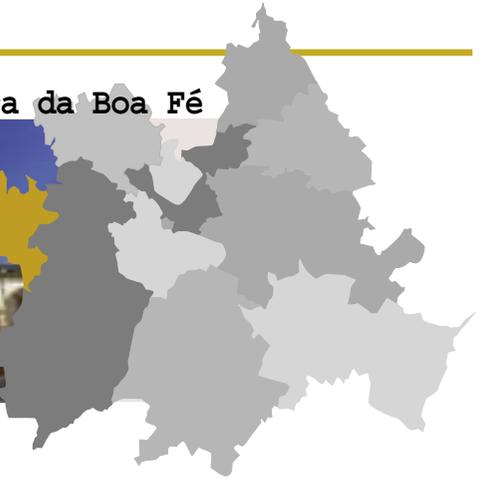
Não obstante, coloca a possibilidade de que “se as pessoas tiverem no telemóvel um guia que seja digital, se for mais barato, se calhar, vão preferir”.

Relatou que “muita gente chega aqui e diz que perguntou ao ChatGPT coisas sobre o

Cromeleque e que ficou com alguma informação, mas nada substitui o contacto humano, nem a capacidade de fazer perguntas e de ter alguém que responde, que vem de um contexto histórico, cultural e geográfico diferente”.

A mesma responsável afirmou que, “até ver, tanto nas visitas guiadas, como nas aulas não temos grande preocupação com a IA porque quem vem aqui, vem para estar em comunhão com a natureza, pois este não é só um centro de Arqueologia, é um centro de natureza”.

Na sua perspetiva, “quem cá vem não espera ter tablets ou grandes tecnologias, vem mesmo para usufruir e estar imerso nesta natureza”, concluindo que “o nosso objetivo é ‘puxar’ as pessoas de volta à terra e à natureza”.



Grupo Desportivo Unidos da Giesteira

“Desporto aliado ao convívio é o objetivo desta coletividade com mais de 80 anos”

Fundado informalmente a 6 de março de 1944, o Grupo Desportivo Unidos da Giesteira (GDUG) é uma coletividade que desenvolve atividades desportivas, culturais e recreativas.

Foi quase dez anos mais tarde, a 1 de janeiro de 1954, que foi oficialmente criado, estando



Carlos Oliveira, presidente da Direção do GDUG, e Manuel Melgão, presidente da Mesa da Assembleia Geral do GDUG.

“Vamos tentando manter as atividades que temos, mas estamos abertos a outras ideias que apareçam e que sejam viáveis”. - Carlos Oliveira

situado na aldeia de São Sebastião da Giesteira.

Esta associação, localizada na União das Freguesias de São Sebastião da Giesteira e Nossa Senhora da Boa Fé, está assim em destaque no projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, desenvolvido pelo Grupo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Tal como já mencionado em outras edições, o objetivo é apresentar diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, divulgando uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

Além disso, visa também destacar temáticas relacionadas com os direitos de autor e a Inteligência Artificial (IA), focando mais precisamente a área da cultura.

Para esta visita ao GDUG, o DS aproveitou a altura em que decorria o Mercadinho de Natal, tendo sido recebido por Carlos Oliveira e Manuel Melgão, respetivamente, presidente da Direção e presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Em conversa com estes dois dirigentes, ficámos a conhecer um pouco mais sobre as atividades que o grupo desenvolve,

mas também sobre a sua história.

“O GDUG é uma associação com mais de 80 anos que foi fundada por um grupo de giesteirenses”, começou por dizer Manuel Melgão, constatando que “ao longo destas décadas tem sido o polo mais importante da freguesia, principalmente no período anterior ao 25 de Abril, pois era a única coletividade”.

Acrescentou que “o GDUG é que organizava tudo aquilo que tinha a ver com as áreas social, desportiva, cultural e recreativa na freguesia, tendo em conta de que era a única instituição já com alguma dimensão”.

O presidente da Mesa da

Assembleia Geral exemplificou que “faziam-se grandes bailes, tinha um grupo de teatro amador e sempre albergou tudo aquilo que, de alguma maneira, tinha a ver com a vida associativa desta freguesia”.

Lembrou também que “estamos a falar de uma altura em que havia muito mais isolamento nas freguesias rurais”, comentando que, “hoje em dia isso está mais esbatido, mas continua a ter um papel muito importante”.

O mesmo responsável frisou que, “felizmente, depois apareceram outras instituições”, reiterando que “São Sebastião da Giesteira é uma freguesia com muita atividade associativa e o

grupo desportivo continua a marcar uma presença muito forte”.

Reforçou que “a vida associativa na freguesia passa muito por este grupo desportivo, hoje em dia com parcerias com outras instituições”, sublinhando que “essas parcerias permitem desenvolver aquilo que acho que é fundamental para manter viva uma freguesia rural”.

Manuel Melgão recordou também que “a anterior sede, julgo que construída já nos anos 60 (século XX), era uma coisa extraordinária para a época”, adiantando ainda que a atual casa do grupo “foi inaugurada em 2004”.

De acordo com o presidente da Mesa da Assembleia Geral, “resultou de um grande empenhamento de um conjunto de sócios, que durante quase 20 anos lutaram para que houvesse uma sede com melhores condições”, salientando que “através de negociações com a câmara municipal e com a junta de freguesia conseguiu-se este espaço para albergar a nossa sede com muita qualidade”.

Evidenciou que “temos uma sala que é, talvez, uma das melhores em termos de freguesias rurais”, referindo que “as outras instituições, de certa maneira, quando querem fazer alguma atividade é aqui





que a vêm fazer e nós temos todo o prazer em colaborar com o movimento associativo da freguesia”.

Manuel Melgão deu ainda conta de que “a sede tem um bar que está a ser explorado por terceiros”, frisando que “como não tínhamos condições para explorá-lo diretamente, então concessionámos o bar e tem estado a funcionar muito bem”.

Para falar sobre as iniciativas que o GDUG tem vindo a desenvolver, conversámos com o presidente da Direção. Carlos Oliveira lembrou que “o desporto e a

ficha técnica:



Coletividade com atividades desportivas, culturais e recreativas

Ano de Fundação - 1944

Morada - Rua da Escola, n.º5A, São Sebastião da Giesteira (Évora)

Contactos: 924 044 491

gdunidos.giesteira@gmail.com

<https://www.facebook.com/people/Grupo-Desportivo-Unidos-da-Giesteira>



O Agrupamento de Escuteiros 1121 (S. Sebastião da Giesteira) é uma das associações com a qual o GDUG desenvolve parcerias.

“A vida associativa na freguesia passa muito por este grupo desportivo, hoje em dia com parcerias com outras instituições”.

- Manuel Melgão

parte cultural e recreativa são as principais áreas de atuação deste grupo”.

Realçou ainda que a aposta é, “essencialmente, em desporto no sentido recreativo, ou seja, não temos tanto a parte de competição, é sobretudo a vertente do convívio”.

Nesse sentido, descreveu que “temos corrida, ciclismo, malha e, em parte, também futebol”, apontando que “fazemos um torneio de futebol de salão uma vez por ano para não se perder esse ‘bichinho”.

Segundo o mesmo dirigente, “também faz parte da nossa missão os veteranos do GDUG, que são pessoas que já jogaram cá, irem jogando com outras associações aqui da zona sul, também com vista ao convívio”.

Ainda na vertente do futebol, revelou que “estamos agora a tentar formar um grupo de miúdos com idades diferentes, mas sem ser por competição, o objetivo é divertirem-se e conviverem”.

Quanto à parte cultural, deu destaque ao Mercadinho de Natal, o último realizado nos passados dias 7 e 8 de dezembro. “É uma iniciativa que promovemos em parceria com a APIR – Associação de Proteção dos Idosos e Reformados de São Sebastião da Giesteira”, especificou Carlos Oliveira,



sustentando que “foi uma atividade que até começou a ser realizada pela APIR, mas como temos uma sala grande fomos conseguindo crescer e agora temos a presença de bastantes participantes, quer na área do artesanato, quer dos produtos locais”.

Mencionou que “é um espaço de convívio e de promoção da

nossa freguesia, em que temos também momentos musicais e de animação”.

Nesta área recreativa, salientou ainda que “realizamos uma noite de fados todos anos e fazemos o Baile de Carnaval”, explicitando que “as Festas de Verão já foram organizadas pelas associações, em que o GDUG tinha um papel muito importante, mas hoje em

dia há uma comissão de festas que gere o evento”.

Relativamente ao número de associados, o presidente da Direção avançou que, “atualmente, temos cerca de 125 sócios pagantes”, admitindo que “não é fácil cativar as pessoas, penso que não seja pelo valor, talvez haja falta de espírito associativo”.

Disse ainda que “a maior dificuldade que temos é ao nível de voluntariado e das pessoas disponibilizarem o seu tempo, nomeadamente para virem treinar ou ensaiar quando há uma determinada atividade”.

Não obstante, mostrou-se confiante e confessou que “acho que estamos a crescer a pouco e pouco”, garantindo que “estamos disponíveis para acolher iniciativas que envolvam os nossos sócios e não só”.

O mesmo responsável afirmou que “vamos tentando manter as atividades que temos, mas estamos abertos a outras ideias que apareçam e que sejam viáveis”.

Nesta entrevista, Carlos Oliveira falou ainda das “parcerias que temos com várias instituições da freguesia, como é o caso do Agrupamento de Escuteiros 1121, do qual também faço parte”.

A respeito desta associação, salientou que “nos escuteiros promovemos duas atividades culturais anuais que contribuem para a recolha de fundos, que são as marchas populares e um evento de sopas, em que pedimos a pessoas da nossa freguesia para fazerem uma sopa que depois é vendida durante essa iniciativa, em que há animação com talentos da nossa freguesia”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

Outra das temáticas presentes nestas reportagens prende-se com a IA e as suas implicações no domínio da cultura.

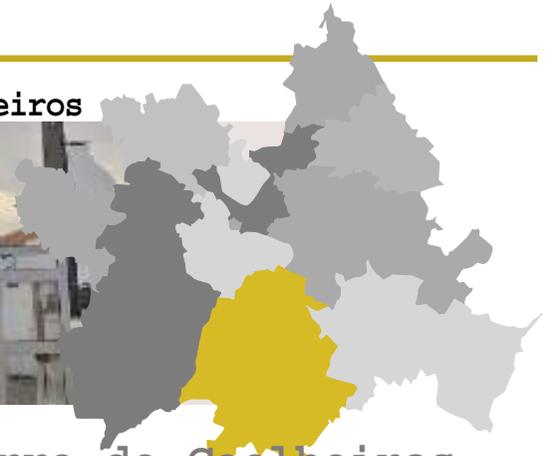
A este respeito, Carlos Oliveira focou que no GDUG “já utilizámos a IA para desenvolver certos documentos, por exemplo, para promover um evento”.

Na sua perspetiva, “é uma mais-valia para o nosso dia a dia, mas também pode representar um perigo, até porque as pessoas são como que ‘influenciadas’ a deixarem de pensar”, considerando que “este é o mundo em que estamos hoje em dia, é impossível ‘fechar os olhos’ a isso, pelo que temos de nos adaptar, mas com limites”.

Direitos de autor - como proteger?

A defesa dos direitos de autor tem sido uma premissa abordada ao longo deste projeto “A Cultura tem Autor – Descentralização”, embora nem todas as coletividades lidem frequentemente com esta preocupação.

No caso do GDUG, este é um tema que, por norma, não tem muita implicação no trabalho desenvolvido, embora haja o cuidado de cumprir o que seja preciso a este nível.



Grupo Desportivo Cultural e Recreativo de Torre de Coelheiros

"A verba obtida com as festas de verão, é bastante importante para assegurar as modalidades que temos"

É com o Grupo Desportivo Cultural e Recreativo de Torre de Coelheiros (GDCRTC) que encerramos o projeto "A Cultura tem Autor – Descentralização", promovido pelo Diário do Sul (DS), com o apoio da Visapress.

Foram cerca de 12 meses em que demos a conhecer diversas atividades culturais desenvolvidas no concelho de Évora, apresentando uma entidade em cada uma das freguesias deste território.

Nesta "viagem" pelo mundo da cultura, mas também por outras áreas, como a desportiva ou a social, houve ainda a preocupação de abordar questões relacionadas com os direitos de autor e a Inteligência Artificial (IA).

Situado na Freguesia de Torre de Coelheiros, o GDCRTC desenvolve atividades desportivas, culturais e recreativas, tal como o próprio nome indica, tendo sido criado em 1990.

Para ficarmos a par da sua história, mas também das iniciativas que promove, ouvimos o presidente da Direção, Marco Galão, e um antigo dirigente desta associação, Felismino Grilo.

"O GDCRTC começou precisamente pelo futebol e foi fundado formalmente a 15 de maio de 1990", contou Felismino Grilo, que agora é um dos 160 sócios da coletividade, mas já foi presidente da Direção e membro do Conselho Fiscal.

No entanto, recordou que "já se realizavam atividades anteriormente", especificando que "até um pouco antes do 25 de Abril de 1974 já se faziam jogos amigáveis com outras equipas das redondezas".

Durante esta conversa com o DS, estiveram presentes alguns



Marco Galão, presidente da Direção do Grupo Desportivo Cultural e Recreativo de Torre de Coelheiros.



dos sócios fundadores, como Joaquim Frango ou Gregório dos Santos, que continuam a dar um contributo para a continuidade do grupo.

O percurso construído ao longo destes quase 35 anos foi sendo lembrando por atuais e antigos dirigentes, que mostram como é importante a sua ligação a esta coletividade da terra onde

residem.

Felismino Grilo destacou também que as Festas em Honra de Nossa Senhora do Rosário "sempre foram organizadas no sentido de apoiar o grupo desportivo, umas vezes mais diretamente, outras menos", explicando que "antes era um grupo de amigos que organizava as festas, embora o GDCRTC



"As nossas aspirações passam por manter o clube ativo com o apoio de todos, dando assim continuidade àquilo que outros iniciaram". - Marco Galão

tivesse a sua participação".

Acrescentou que "foi há cerca de dez anos que o GDCRTC passou a assumir a organização das festas de verão".

Na sua opinião, "esta coletividade é muito importante para a freguesia, pois tem sido o grupo desportivo a dinamizar toda a ação cultural e recreativa".

O antigo dirigente constatou ainda que "a população também se sente envolvida com o grupo", exemplificando que "o muro exterior do parque desportivo, onde se encontra o clube, foi pintado com a ajuda das pessoas da terra".

Deu também conta de que, "aqui na freguesia, temos um grupo coral que estamos a tentar reativar e, apesar de nunca ter estado ligado ao GDCRTC, gostávamos que fosse integrado na coletividade".

Segundo Felismino Grilo, o Grupo Coral Pastores do Alentejo "existia desde 1956, esteve

parado durante algum tempo e, em 1975, foi reativado por mim e uns amigos", comentando que "mais tarde parou novamente e agora estamos a tentar reativá-lo".

Reiterou que "há uma ligação antiga entre o grupo coral e o grupo desportivo, incluindo de colaboração em alguns projetos, mas agora vamos tentar que haja uma integração formal no GDCRTC".

Foi Marco Galão quem nos falou mais concretamente sobre as atividades que estão a ser desenvolvidas nesta coletividade, começando por referir que, "atualmente, é o nosso grupo que organiza as festas anuais de verão e a verba que obtemos daí é bastante importante para o desenvolvimento das modalidades que temos".

O presidente da Direção do GDCRTC mencionou ainda que, a nível desportivo, "o que temos é o futebol sénior, com 26 atletas, e estamos a participar no



Campeonato do Inatel”.

Realçou que “também tentámos inscrever no Inatel uma equipa de tiro desportivo, mas não foi possível porque não havia equipas disponíveis para avançar com o campeonato”, focando que “inscrevemos ainda a equipa no BTT, mas também não havia provas para avançar”.

O mesmo responsável frisou que “já tivemos um clube de BTT, mas não estava englobado no GDCRTC e nós estávamos a tentar integrar tudo”, constatando que “como somos poucos na aldeia, tentamos juntar tudo, pois é preferível estarmos todos a ‘remar’ para o mesmo sentido para desenvolver a freguesia”.

Relembrou que “o clube parou na altura da pandemia e voltámos novamente em 2024 com o futebol”, sustentando que “agora, ao domingo, as pessoas vão ao futebol, vão aos cafés e dão outra dinâmica à freguesia”.

O presidente da Direção afirmou ainda que “já falámos em ter outras atividades, mas não é fácil porque há poucos jovens e sentimos falta de alguma adesão, mas isso também acontece porque a população está envelhecida e há muita gente que foi morar para Évora e outros para a Suíça, que é o país para onde mais emigram as pessoas da freguesia”.

A esse respeito, foi destacado que “os emigrantes continuam com uma ligação forte à terra e já há alguns anos até fomos convidados para ir à Suíça com a nossa equipa de futebol para participar num torneio”.

Relativamente à Festa na Aldeia em honra de Nossa Senhora do Rosário, que acontece anualmente no último fim de semana de julho, Marco Galão avançou que “envolve um pouco de tudo, desde o bailarico às garraíadas, mas também a procissão ou o jogo de futebol entre solteiros e casados”.

Explicitou ainda que, “ao longo do ano, também desenvolvemos outras atividades, como uma festa por ocasião do Carnaval, porque é necessário

ficha técnica:



Coletividade com atividades desportivas, culturais e recreativas

Ano de Fundação - 1990

Morada - Rua das Flores n.º 1 - Torre de Coelheiros (Évora)

Contactos: 961 281 864 | gdcrtc@gmail.com

<https://www.facebook.com/GDCRTC>



Felismino Grilo, antigo dirigente do GDCRTC.

“Estamos a reativar o grupo coral que existia aqui na freguesia e vamos tentar que seja integrado no GDCRTC”.

- Felismino Grilo

equilibrar as verbas do clube”.

De acordo com o mesmo dirigente, “como voltámos a ter futebol e há um acréscimo de despesas para o clube, em 2024, resolvemos fazer uma festa no final de dezembro”, apontando que, “como esta é uma terra de emigrantes, antigamente as festas fortes da aldeia eram feitas em janeiro”.

Avançou também que “o grupo está localizado no campo de futebol (Parque Desportivo Paulo Santos), que é da Câmara

de Évora, mas gostávamos de ter uma sede mais no centro da aldeia”.

Na sua perspetiva, “era benéfico inclusive para a população ter mais facilidade em se deslocar à sede, onde podíamos também ter o nosso espólio”, especificando que “aqui o clube só abre à terça e à quinta-feira, que é quando temos treinos, e ao domingo quando há aqui jogos”.

Marco Galão esclareceu ainda que “não temos um salão para

festas, existe é a Casa do Povo, onde acabamos por fazer algumas atividades no inverno, mas, normalmente, as festas de verão são feitas no largo da igreja, onde foi sempre a tradição”.

Para este dirigente, “um grupo como o nosso continua a ter a sua importância para uma freguesia rural como esta, que ainda está a alguma distância da sede de concelho”, reforçando que “é importante para o desenvolvimento da freguesia, até porque, no nosso caso, dedicamo-nos à parte cultural e à parte desportiva”.

Na sua ótica, “as pessoas

valorizam a existência das atividades”, confidenciando que “uma das coisas que nos fez voltar a ter o futebol e a dinamizar iniciativas na freguesia foi dar continuidade àquilo que as pessoas mais velhas também fizeram por nós, a quem agradecemos, e é com todo o respeito que estamos a tentar também fazê-lo pelos mais novos”.

Marco Galão concluiu que “as nossas aspirações passam por manter o clube ativo com o apoio de todos, dando assim continuidade àquilo que outros iniciaram”.

Direitos de autor - como proteger?

Ao longo deste projeto, tentámos também ficar a par das preocupações existentes ao nível do cumprimento dos direitos de autor. Percebemos que nem todas as entidades lidam com frequência com esta matéria, mas todos foram unânimes em sublinhar que, sempre que se aplica, há o cuidado de cumprir com o que seja necessário. Essa foi também a atitude que encontramos no GDCRTC, ressaltando Marco Galão que “é uma questão que não tem grande implicação no nosso trabalho”.

Inteligência artificial - oportunidade ou ameaça?

Nos 12 trabalhos realizados no âmbito destas reportagens da Cultura Tem Autor – Descentralização, o tema da IA esteve sempre presente. Como é natural, o destaque foi para as implicações que esta ferramenta pode ter na área da cultura.

Com o presidente da Direção do GDCRTC também abordámos este tópico, mas ficou a perceção de que esta temática ainda não representa uma preocupação para este género de coletividade.



diário do SUL diário do SUL TV VISAPRESS[©]



MAL
VAD
A

